

ESPECIAL  
**155**  
ANOS  
DA BPP

## Curitiba literária

No mês de aniversário da cidade, **Cândido** discute a nova cena da literatura curitibana

• Conto | Thiago Tizzot • Poema | Ivan Justen Santana • Entrevista | Marcos Damaceno •

Em março, duas efemérides importantes se referem à cultura paranaense: em 7 de março, a Biblioteca Pública do Paraná comemora 155 anos e, no final mês, no dia 29, a capital paranaense completa 319 anos. Como não poderia deixar de ser, esta edição do **Cândido** se dedica a contar um pouco a história centenária da BPP, uma das bibliotecas públicas mais antigas e importantes do país. Já o aniversário da cidade serve de mote para discutir como anda a literatura feita aqui, quem são os principais nomes da nova geração e que rumo esta literatura tem tomado.

Para homenagear os 155 anos da instituição, o **Cândido** ouviu ex-diretores, funcionários e usuários da BPP, que contam histórias que fazem parte da trajetória cultural e institucional da Biblioteca.

“Nenhuma livraria, nenhuma biblioteca existia para atender aos alunos e professores. Então a criação de uma Biblioteca Pública era necessária para que a população pudesse ter acesso aos livros”, conta o historiador Ernani Straube, sobre a criação da BPP na segunda metade do século XIX.

Já para falar da atual safra literária da cidade, que ganha a capa da edição, recorreremos a alguns dos autores que estão fazendo a nova literatura curitibana, assim como escritores de outros Estados que acompanham a cena. “A vida intelectual em Curitiba hoje é invejável”, diz o romancista mineiro Luiz Ruffato.

Como uma amostra dessa cena, publicamos apenas escritores curitibanos na seção de inéditos, além de uma entrevista com o diretor Marcos Damasceno, um dos principais nomes do teatro local.

Entre os ilustradores, reunimos artistas de diferentes gerações, como André Ducci, que assina a capa, e Luiz Solda, que aparece com um cartum sobre o escritor Jamil Snege, de quem foi amigo.

Boa leitura a todos.

## HUMOR

SOLDA



## CARTAS

Recebo mais uma edição do **Cândido** e agradeço a oportunidade de desfrutar deste importante veículo de comunicação da cultura do nosso Paraná. Acrescento também que este jornal é utilizado nas oficinas de música, teatro e literatura do projeto “Batuque na Caixa”, destinado às crianças e adolescentes de Londrina. Recentemente, o “Batuque” conquistou o selo de qualidade do Unicef pelas atividades inovadoras com nosso público. Isso se deve também ao conhecimento distribuído pelo jornal da Biblioteca Pública do Paraná.

**Aldo Moraes** – Londrina/PR.

Agradecemos o recebimento do jornal da Biblioteca Pública do Paraná. Gostaríamos de receber regularmente essa publicação para informação de nossos usuários. A doação irá contribuir para ampliação e o enriquecimento do acervo da Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo.

**Ava Carminati** – Vitória/ES.

Sou curitibano afastado há muito tempo da cidade. Andei por São Paulo, Pará e, agora, estou em Santa Catarina. Em recente visita a Curitiba, entre alguns passeios a museus e galerias, encontrei o **Cândido**. Com muita alegria fiz a leitura de todo o jornal. Gostei, apreciei e compreendi um pouco mais sobre os precursores e os novos nomes da nossa literatura policial, além dos poemas, contos, perfis, ilustrações, etc. Muito, mas muito bom mesmo!

**Helder Boska de Moraes Sarmiento** – Via e-mail.

## EXPEDIENTE



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Junior. Redação: Daniel Zanella, Fernanda Rodrigues,

Felipe Kryminice e Guilherme Sobota Fotografia: Kraw

Penas e Javã Társis. Projeto gráfico e diagramação:

Versão Design. Colaboradores desta edição: André Ducci,

Guile Dias, Ivan Justen Santana, Marcelo Cipis, Mariana

Sanchez, Solda, Theo Szczepanski e Thiago Tizzot.

Redação: imprensa@hpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

### BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 – Curitiba - PR.

Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h.

Sábado: 8h30 às 13h

### CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO DE ORIGINAIS

Todos os originais enviados ao **Cândido**, serão analisados pelo seu Conselho Editorial, que avalia a partir dos seguintes critérios:

- Contribuição relevante ao jornal;
- Adequação às propostas do **Cândido**, que privilegia obras inéditas que tenham relevância para a cultura.

Para obter a aprovação para publicação, as obras devem preencher os seguintes requisitos:

- De estilo: correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade.
- De conteúdo: nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração; originalidade da abordagem.

O Conselho Editorial não analisa:

- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.

As obras devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e a análise final da obra.

Serão imediatamente desconsiderados os originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:

- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
- Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## BIBLIOTECA AFETIVA

Um dos livros que mais gostei de ler foi *O estrangeiro*, do Albert Camus. Não me lembro muito bem da história – sei que um argelino que não chora mata um árabe meio que sem querer por causa do sol. Recordar esse absurdo rende bons momentos de distração quando não se tem muita coisa para fazer. Mas, enfim, acho que todo mundo acaba se acostumando com seu livro preferido.

**Heitor Humberto** é jornalista, vocalista, violonista e guitarrista da Banda Gentileza. Também é um dos integrantes do Conjunto Seleções. Vive em Curitiba (PR).



Gabriel Casagrande

Apesar de ser um leitor regular de ficção desde criança, durante alguns anos da juventude eu só lia biografias, ensaios e poesia. O responsável por me devolver ao antigo hábito foi um professor da faculdade de Desenho Industrial, José Luiz Valero Figueiredo, que me apresentou *O Mez da Gripe*. Ciente de meu interesse simultâneo por desenhar e escrever, o Zéluz (que era um poeta visual muito interessante) intuiu que eu me interessaria pelo Valêncio Xavier. E acertou. Os dois já faleceram. Sinto saudades de ambos.

**Joca Reiners Terron** é escritor e editor, autor, entre outros, de *Do fundo do poço se vê a lua* (Companhia das Letras, 2010). Seu mais recente livro, *Guia de ruas sem saída*, será lançado em março pela editora Edith. Vive em São Paulo (SP).



Divulgação

Claro que tenho meus favoritos na ficção: *Cândido*, *Moby Dick*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*... Mas o livro que mudou mesmo a minha vida recentemente foi algo bem diferente. John Rawls, um professor de Harvard, passou a vida tentando responder como deveria ser uma sociedade justa. Sua resposta mais famosa está num livro chamado *Uma teoria da justiça*. O que ele propõe é tão intrigante que me fez voltar à escola só para pensar mais sobre o assunto.

**Rogério Galindo** é repórter e colunista da *Gazeta do Povo*. Vive em Curitiba (PR).



Divulgação

“Tudo o que não se disse é que era importante.” Uma tempestade de pensamentos emocionais não ditos, enjaulados no campo das ideias do casal de personagens, e que fariam toda diferença se revelados numa determinada situação. Quem já não se encontrou em uma situação semelhante vivida pelos personagens de *Um erro emocional*, de Cristovão Tezza? Um diálogo silencioso, mas nem por isso menos tenso, o que torna a narrativa empolgante do começo ao fim.

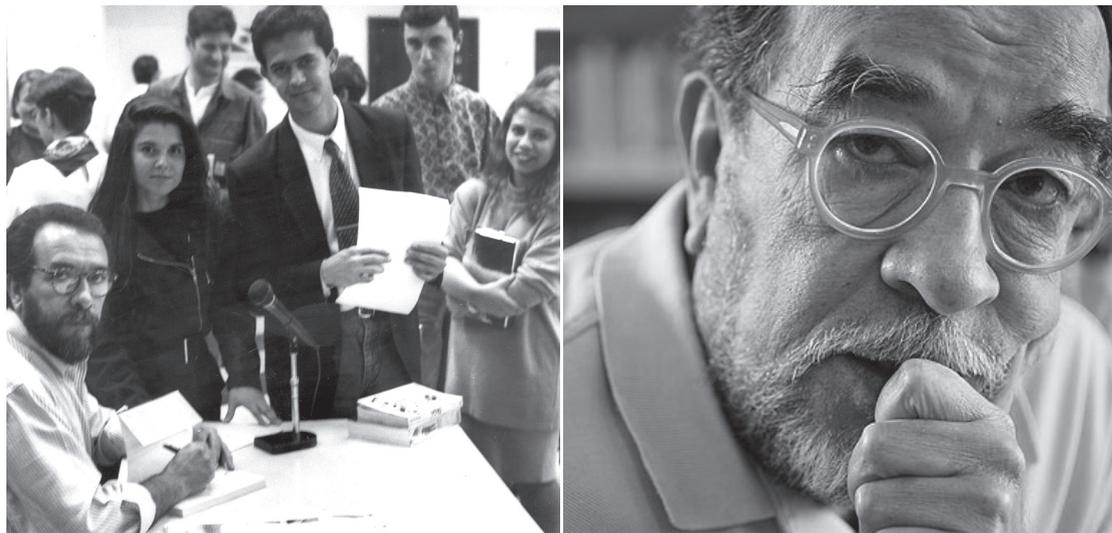
**Fernanda Rodrigues** é técnica-administrativa da Divisão de Difusão Cultural da BPP. Vive em Curitiba (PR).



Javã Társis

## CURTAS DA BPP

### Fernando Moraes abre o projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2012



Fernando Moraes volta à BPP depois de quase 30 anos de sua primeira visita, em 1985.

Depois de 27 anos, Fernando Moraes volta à Biblioteca Pública do Paraná para participar do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. Em 1985, Moraes esteve na primeira versão do bate-papo, à época mediado pelo poeta Paulo Leminski. No dia 27 de março, às 19h, o escritor abre a temporada do projeto em 2012. Ao longo do ano, serão nove encontros. Fernando Moraes nasceu em Mariana, Minas Gerais, em 1946, e trabalhou em algumas das principais redações do Brasil. É autor de várias biografias e livros-reportagem que se tornaram *best-sellers*, como *Olga*, *Corações sujos*, *Chatô*, *o rei do Brasil* e *O mago*. Seu mais recente livro é *Os últimos soldados da Guerra Fria*, sobre espões cubanos detidos nos Estados Unidos nos anos 1990.

### Milton Hatoum ministra oficina de romance

Nos dias 26, 27 e 28 de março a BPP promove oficina de Romance com o escritor amazonense Milton Hatoum. As inscrições devem ser feitas até o dia 16 de março, pelo e-mail [oficina@bpp.pr.gov.br](mailto:oficina@bpp.pr.gov.br). Para se inscrever, os interessados devem enviar e-mail com um breve currículo. As inscrições são gratuitas. Ao longo do ano, outras oito oficinas, sobre os mais diversos gêneros literários, vão acontecer.

### 155 anos da BPP

No dia 7 de março, a BPP celebra 155 anos de fundação. Para comemorar a data, uma programação especial será realizada de 7 a 12 de março. Para abrir as comemorações, no dia 7, às 11h, o Coral Paraná se apresenta no hall externo da BPP. Um dos destaques da programação é a palestra do diretor-presidente da Fundação Editora da Unesp, José Castilho, sobre o futuro das bibliotecas na era multimídia, também no dia 7, às 19h. No dia 9, às 15h30, a banda Maxixe Machine apresenta o show “ABC do LáLáLá” no auditório Paul Garfunkel. A programação ainda conta com edições diárias dos projetos “Música na Biblioteca”, “Aventuras Literárias”, com Fábio Yabu, e “Hora do Conto”, com Carlos Daitschman. A programação completa da “Semana 155 anos da BPP” pode ser conferida no *site* da Biblioteca: [www.bpp.pr.gov.br](http://www.bpp.pr.gov.br). Todos os eventos são gratuitos.



# Milton Hatoum

O autor do romance *Dois irmãos* descobriu a literatura em uma biblioteca de língua francesa e teve em Raduan Nassar o primeiro leitor de seu livro de estreia. O escritor contou essas e outras histórias a um auditório lotado no encerramento do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2011



**M**ilton Hatoum nasceu em Manaus, em 1952. É arquiteto de formação, mas a literatura sempre esteve no centro de sua vida. Hatoum deu aulas de literatura na Universidade Federal do Amazonas e na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Autor do livro de contos *A cidade ilhada* (2009), o escritor ganhou notoriedade com os romances *Relato de um certo oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do norte* (2005) e *Órfãos do eldorado* (2008), todos publicados pela Companhia das Letras. Os três primeiros foram premiados com o Jabuti. *Cinzas do norte* ganhou os prêmios Portugal Telecom, APCA e Bravo!. Sua obra já foi traduzida para diversos idiomas e está publicada nos Estados Unidos e na Europa. Com a publicação do romance *Dois irmãos*, Hatoum se tornou um dos escritores mais importantes da literatura contemporânea. O livro arrebatou a crítica e caiu nas graças dos leitores. O romance também tem sido lido por jovens, incentivados por professores, que frequentemente trabalham com o romance de Hatoum em sala de aula. “Estou ficando com medo de *Dois irmãos*, porque é muito lido. Então penso: será que é de fato um livro que tem alguma qualidade? Quando se atinge um público muito grande, é de desconfiar”, diz o escritor, que esteve na última edição do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2011. O autor também falou sobre o papel social do escritor, dizendo que “cada escritor tem a sua voz e a sua preocupação ética, moral, ou ideológica. Por isso, não me omito. A palavra omissão, desconheço”. No bate-papo, Hatoum também falou sobre o seu próximo romance (*O lugar mais sombrio*, com previsão de lançamento para 2012), a biblioteca de língua francesa que conheceu ainda menino e que foi a porta de entrada para que passasse a se interessar por literatura, e seu método de escrita “flaubertiano”, em que as construções são de fato pensadas e refletidas. “Mesmo sabendo que depois muita coisa é imprevisível e vem do inesperado.” Confira os melhores momentos da conversa, mediada pelo diretor teatral Flávio Stein.

### Relação com as bibliotecas

A primeira biblioteca com a qual tive contato foi, na verdade, de língua e literatura francesa. Minha mãe tinha a mania de me colocar para aprender línguas estrangeiras e, em Manaus, nos anos 1960, havia famílias de ingleses, franceses e alemães, que eram remanescentes do período áureo da borracha. De modo que ela quase me obrigou a estudar outras línguas. E essa obrigação depois virou prazer. Estudei francês com uma senhora muito simpática chamada Liberalina, esposa do cônsul da França em Manaus, uns 70 anos mais velha do que eu. Uma senhora muito elegante, simpática, altiva, que conhecia muita coisa da literatura francesa. Quando vi essa biblioteca fabulosa, muitos livros editados no século XIX, fiquei de fato extasiado. E foi nessa casa, e com essa professora, que era uma espécie de deusa tutelar, que li pela primeira vez textos originais, em francês, que era uma língua falada pela minha avó libanesa — que, por coincidência, tem o mesmo nome, Emilie, do personagem do meu primeiro romance, só para enganar leitores ingênuos.

### Colégio

Também foi importante a biblioteca do meu colégio público, onde cursei o ginásio, o Colégio Estadual do Amazonas, antigo Ginásio Amazonense Pedro II. Havia também uma pequena biblioteca na minha casa, notadamente, a coleção de Machado de Assis, o *Tesouro da juventude* e a *Barsa*, que foram importantes nessa minha primeira juventude vivida em Manaus, antes do meu autoexílio, que durou mais de 15 anos.

### Futuro das bibliotecas

Em todo lugar que morei, frequentei bibliotecas: Manaus, depois Brasília, São Paulo, Santos, na Europa. A biblioteca é um lugar democrático do saber, do conhecimento, na medida em que os livros transmitem saber, conhecimento, permitem viagens imaginárias. Eu não sei qual

será o futuro da biblioteca, e muito menos o futuro da literatura, por causa da tecnologia. Outro dia, um escritor americano afirmou que a tecnologia ia acabar com a literatura (se não me engano, foi o Philip Roth). Também não tenho certeza disso. Não sou tão pessimista nem catastrófico quanto ao destino da literatura. Acho que todas as tecnologias são válidas e todos os suportes são irreversíveis, já existem. Só espero que um texto de Kafka não seja diferente num ipad, ipod, não sei o quê. Que Kafka seja sempre Kafka, independentemente do suporte. Sou um cultor de livros, e não sei se não sou o último dinossauro a gostar dos livros.

### Arte da imensa minoria

A literatura sempre foi uma arte da imensa minoria, como diria o poeta espanhol Juan Ramón Jiménez. Embora alguns escritores tenham escrito romances que foram lidos por milhões e milhões de pessoas, são exceções. O espaço da literatura é um espaço mais íntimo. Segundo Borges, a leitura é mais civilizada do que a escrita, o leitor é mais civilizado do que o escritor, porque o leitor não se atormenta como o escritor — ele lê, imagina e constrói o seu livro. Esse lugar muito civilizado é também o lugar da solidão. Isso tem a ver com a origem do romance, dos grandes temas romanescos do século XVIII, o *Robinson Crusoe*, os romances ingleses, franceses. É também a solidão do leitor. A solidão do escritor, quer dizer: é um espelhamento mútuo: o leitor também é um solitário que lê. Escreve e reescreve o romance que está lendo.

### Aumento de leitores

Aumentou o número de leitores dos meus livros. Mas graças a vocês, professores, e pessoas que me convidam a falar sobre literatura. Eu tive um susto com *Dois irmãos*, que alcançou um público grande de leitores, e depois com *Cinzas do norte*, menos pelos prêmios (pois acho que os prêmios não aumentam o número

## UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

de leitores) e mais pelos leitores. É o leitor que faz o livro, que participa diretamente da carreira, da história do livro. Aumentou também graças aos professores, que trabalharam com os meus romances e contos em sala de aula. Não sei até quando serão lidos, também não estou muito interessado nesse tempo da leitura, mas o fato é que eu achei que todos os livros seriam um encalhe fenomenal. Achava que *Relato de um certo Oriente* seria lido só pela minha família e por alguns amigos.

### Narrador versus autor

Acredito que a literatura seja uma forma de conhecimento e uma maneira de sair do seu lugar. A literatura sempre fala do outro, de um outro exterior, mas também fala da complexidade do ser humano. Todo o conhecimento ou a verdade que a literatura busca, não tem a ver com uma verdade ontológica, filosófica ou epistemológica, é uma verdade que fala muito do que é o ser humano. Da experiência humana, que pode ser a experiência do autor, mas pode ser também, e é muitas vezes, a experiência do narrador. Fica difícil, às vezes, imaginar que o narrador seja diferente do autor, mas podem acreditar, não são as mesmas pessoas. Não há gêmeos na minha família. E eu não sou o Nael, não sou o Lavo, não sou essa mulher do primeiro romance [*Relato de um certo Oriente*], mas alguma coisa de mim está neles, ou eles estão dentro de mim. E há um momento em que esta simbiose é tão forte que você não se separa do narrador. Essa é a pergunta eterna da literatura, e é uma pergunta sem resposta. Não adianta você buscar, separar, que nem o encontro das águas, na minha cidade, do rio Solimões e do rio Negro, que eles se encontram, mas continuam separados. Você não sabe até que ponto a experiência do narrador e dos personagens é a experiência do autor. Há uma dosagem — às vezes é uma experiência maior ou menor que você transforma em linguagem, mas na medida em que você transforma em linguagem, você está



criando e inventando outra coisa, e dando possibilidade a vários tipos de leitura.

### Formação do leitor

É difícil formar leitor. Essa formação não passa necessariamente pela academia, por um curso de Letras, mas pela formação do leitor em sua casa ou escola. Daí a importância da escola pública de qualidade. Milhões de crianças e jovens não têm acesso a bons livros e a um bom ensino público. Então, há uma verdadeira segregação na sociedade brasileira. Há escolas públicas boas, mas não são muitas. A minha geração é uma espécie de elo perdido entre aquela escola pública razoável dos anos 1960, que era uma promessa de escola pública democrática, de qualidade, e o que veio depois, que foi totalmente desmontado pelo regime militar, inclu-

sive pelo senhor Jarbas Passarinho, que foi ministro da Educação e de passarinho não tem nada, assinou ato institucional e está ainda cantando de galo. Então, é difícil formar leitores, como é difícil formar também um grande matemático, um grande intelectual, é mais fácil ver um filme sobre *Guerra e paz*, porque a literatura exige um esforço constante, ininterrupto, em cada página você se depara com situações, eventos, conflitos, descrições, diálogos, uma espécie de aluvião de coisas que acontecem. Se for um livro complexo, você tem que dobrar essa atenção, não pode se dispersar, não pode ler um livro e ver o jogo do Flamengo, você tem que se isolar do mundo e entrar nesse outro mundo com a alma e com o pensamento, concentrado naquele momento que constrói um mundo paralelo ao seu. Isso é difícil.

“ Há leitores loucos. Convivi com alguns bastante pirados que afirmavam coisas que me deixavam perplexo, depois melancólico e finalmente em estado de total prostração.”

### Trabalho de memória

O título do meu próximo livro é *O lugar mais sombrio*. O lugar mais sombrio é essa ruptura com o passado. Nos meus romances, se há um centro, um eixo mais ou menos secreto que se desvela para o leitor em algum momento, é a memória. Esse movimento da memória, e daquilo que não foi possível dizer. Porque nem tudo é possível ser contado. Mas o que pode ser contado é também um trabalho da memória e da imaginação. A grande literatura trabalha com isso. *Grande sertão: veredas* é um trabalho da memória, do grande jagunço que rememora sua vida pregressa, suas histórias proibidas e transgressoras de amor, as batalhas, toda a vida no centro-norte de Minas durante algumas décadas. Toda a obra de Proust segue no sentido de construir pela memória inventiva o passado da família, dos personagens. Qualquer grande obra tem a memória como uma espécie de quase irmã siamesa da imaginação.

### Autobiografia e ficção

Não acredito em autobiografia. Há mentira disseminada em toda autobiografia. Como há verdades disseminadas no romance. Qual é a dose de mentira e verdade numa e noutra? Ninguém pode dizer. O melhor é ler sem elucubrar, sem ficar atrás de uma forma detetivesca do que é verdade e do que é mentira. Quem será esse cara, será que a irmã dele é isso, será que a mulher dele que está ali? Aí você enlouquece, porque há leitores loucos também. Convivi com leitores bastante pirados que afirmavam coisas que me deixavam perplexo, depois melancólico e finalmente em estado de total prostração. Diziam muitas coisas a respeito da minha obra. Como se quisessem provar alguma coisa que só estava na cabeça dele ou dela.

### Primeiras leituras

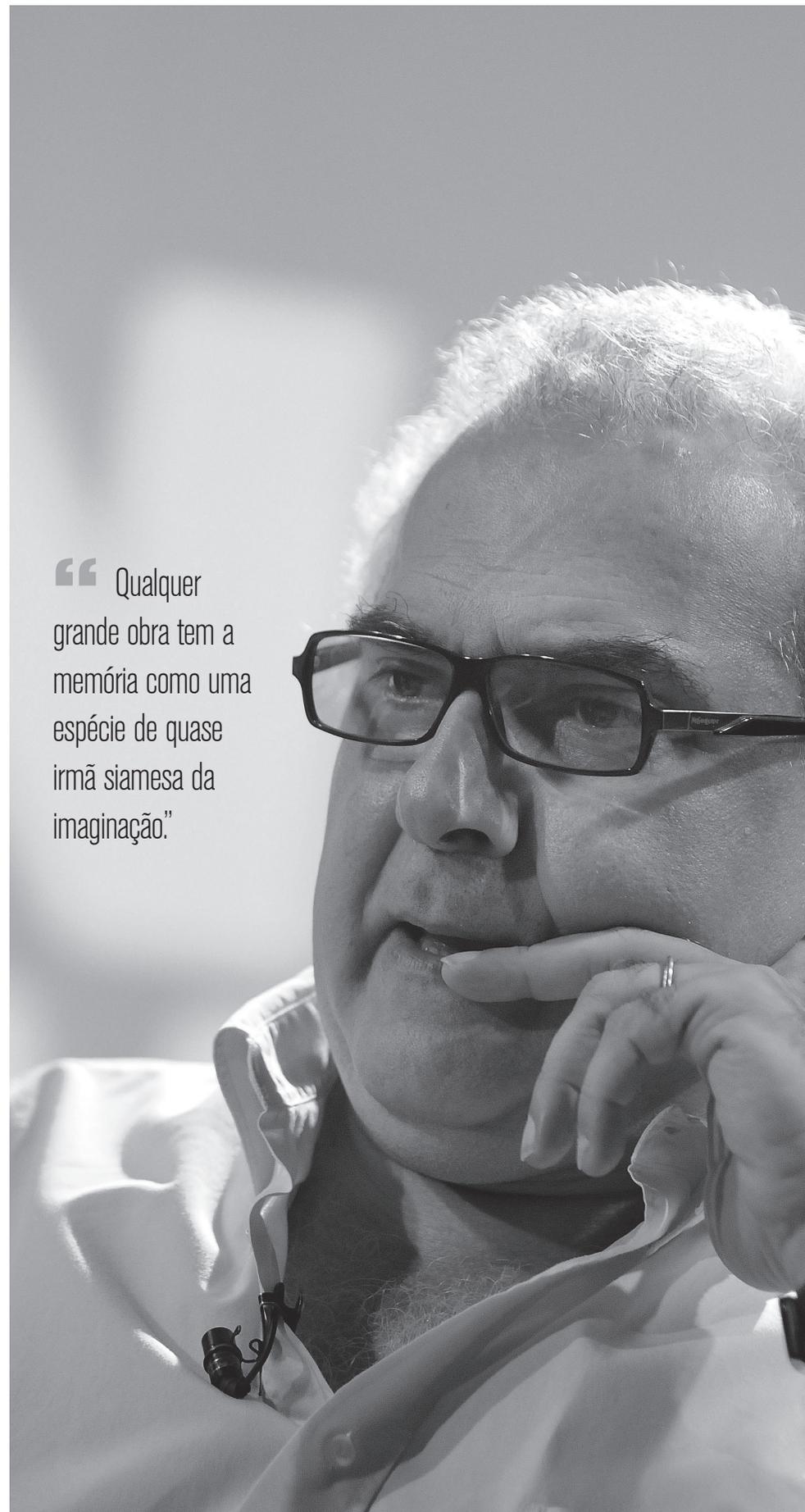
Li os livros fundamentais da minha juventude em Manaus, alguns romances do Graciliano Ramos, Jorge Amado, Eri-

co Verissimo. Nos primeiros, não tive nenhum problema porque eu estava diante de uma professora apaixonada. Acho que ela era uma viúva espiritual do Graciliano. Era tanta paixão! A leitura, quando é apaixonada, transfere isso para o jovem. Mas obrigar os jovens a ler coisas muito pesadas é complicado. É um desserviço à literatura. Tem que atrair o leitor jovem para um texto de qualidade, mas que ele se entusiasme por esse texto. Não sei qual é esse texto. Eu lembro que os contos que li do Machado foram todos maravilhosos e ainda bem que comecei pelos contos. Se eu tivesse começado pelos romances, certamente não teria gostado do Machado, porque é de uma complexidade enorme: meio filosofante, com aquela galhofa com o leitor. Mas os contos são maravilhosos. Para os jovens, eu digo aos professores, trabalhe com os contos do Machado. Se entrar com José de Alencar, ou com uma literatura muito densa, não vai dar certo. Pelo menos, para um jovem que não tem o hábito de leitura.

### Relato de um certo Oriente

A ideia era construir um personagem por meio de outras vozes, foi inspirado em alguns romances da Virginia Woolf, que eu lia muito na época. Eu era relativamente jovem e quis construir alguns personagens pelas vozes dos outros, montar esse quebra-cabeça do *Relato de um certo Oriente* com vozes alternadas, dando versões diferentes a certas situações e lances do passado. No caso da Emilie, foi uma personagem construída pelos outros, pela memória dos outros. O esforço de construir esse romance tentando desfocar a voz do narrador, a identidade de cada narrador, me deu trabalho, foi como montar um quebra-cabeça — o que duas editoras europeias fizeram o favor de desmontar, porque colocaram no capítulo o nome de cada narrador, e eu passei anos tentando construir isso. Mas isso foi totalmente deliberado, não foi um lance do acaso. Há menos acaso do que se imagina quando se escre-

“ Qualquer grande obra tem a memória como uma espécie de quase irmã siamesa da imaginação.”



# UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

ve um romance, ao menos no meu caso, pois sou flaubertiano e tenho uma verdadeira paixão pelo cálculo, pela matemática, pela arquitetura da obra. Aprecio algumas construções que são de fato pensadas e refletidas. Mesmo sabendo que depois muita coisa é imprevisível e vem do inesperado.

## Leitura entre jovens

Eu poupo os jovens dessa obrigação [ler seus livros]. Nunca indiquei nenhum livro meu, nem para os jovens nem para os velhos. Mas os professores indicam, com muita frequência, até nos vestibulares. Muitos devem ter odiado, mas a maioria gostou e demonstrou isso, mandou e-mail, mensagens, mas também não sei até que ponto gostaram. O fato é que eu posso falar mais de um livro que tem um público maior: *Dois irmãos*, que foi muito adotado nos vestibulares e escolas. Até hoje vou às escolas em São Paulo. Não aguento mais falar sobre *Dois irmãos*. Ontem eu falei [no evento Conversa entre Amigos, realizado em 05 de dezembro] durante algum tempo. Nunca falo dos meus livros quando estou numa universidade, ou numa escola, prefiro falar de outros livros. Mas às vezes eu tenho que falar dos meus livros, e é uma coisa um pouco constrangedora. Prefiro falar das dificuldades de escrever e da perplexidade de quando você escreve um livro. É uma viagem longa, que envolve muita coisa do seu tempo, dos seus conflitos interiores, da sua visão de mundo. Não sei exatamente o que os jovens pensam. A resposta que eu tenho, quando vou às escolas, é animadora para mim. Mas não sei se isso me deixa muito contente, eu que sou pessimista em vários assuntos. Mas é um prazer saber que os jovens estão lendo.

## Função social do escritor

Bem, na literatura, quanto menos explicar, melhor. Melhor ainda é não explicar nada. O mais importante é você compreender os personagens do que julgá-los. Se julgá-los, você está partindo de um pressuposto ético do autor. Mui-

“ Não sou tão pessimista nem catastrófico quanto ao destino da literatura. Que Kafka seja sempre Kafka, independentemente do suporte.”

tos leitores passam por cima do narrador. Achem que aquela posição moral, aquele sentido moral que está no personagem pertence ao autor, quando na verdade pertence ao personagem, e tem que entender isso no romance: como essa moralidade existe, como ela muda com o tempo, qual a relação dele com os outros personagens.

## Regime militar

Sou de uma geração que atuou contra o regime militar. Enfim, fui estudante da FAU/USP, participei do movimento estudantil, não me arrependo — eu ouço tantos arrependidos por aí. O que houve foi um terrorismo de Estado. Havia uma democracia neste país e a democracia foi interrompida brutalmente, bruscamente. Participei do movimento estudantil como milhares de jovens brasileiros participaram. Felizmente, não entrei em nenhum grupo clandestino, nenhum partido, talvez por uma lucidez ou intuição naquele momento. Se eu tivesse entrado, talvez não estivesse aqui falando com vocês. Mas acho que hoje, diante de desmoronamentos de tantos sonhos — pertencço também a uma geração de desiludidos, *Cinzas do norte* é sobre a desilusão —, não perdi a esperança de lutar e ver um mundo melhor. Quando posso, falo das injustiças, das desigualdades, da desfaçatez de tantos políticos, das tenebrosas transações, como disse Chico Buarque numa música belíssima. Agora, cada escritor tem a sua voz e a sua preocupação ética, moral ou ideológica. Não me omito. Desconheço a palavra omissão. Também não tenho nenhum problema em criticar a direita, que por si só eu já tiro como desprezível e nefasta, nem esquerda, quando deve ser criticada. A minha posição

é quase de um franco atirador solitário, que paga um preço por isso. Não tenho partido. Traduzi um livro do palestino-americano Edward Said, que se chama *Representações do intelectual*. Ele fala que a posição do intelectual é de um *outsider*. Ele está fora, não está dentro de um sistema, ou de um partido, ele tem que criticar, com lucidez, as injustiças sociais, guerras, invasões. É isso que acontece.

## Publicação de iniciantes

O [Manuel] Bandeira pagou a primeira edição do seu livro. Imagina, um poeta como Manuel Bandeira. No caso da poesia, é muito mais complicado porque há poucos leitores de poesia. Sobre tudo de um jovem poeta. Acho que se você de fato acredita naquilo que escreveu, não vejo nenhum problema em bancar a edição do seu livro, nem que seja uma edição pequena, depois mandá-lo a alguns amigos, críticos e jornalistas. Acho que um bom livro, cedo ou tarde, vai ser divulgado e lido. Nos anos 1980, fui à casa do Raduan Nassar, autor de *Lavoura arcaica*, um clássico da literatura brasileira contemporânea, e na garagem havia pilhas e pilhas da primeira edição do livro. Perguntei o que ele ia fazer com aquilo. Ele disse que ia dar ou jogar fora porque ninguém tinha lido o livro. Poucos tinham lido um dos maiores romances brasileiro, certamente um dos maiores da literatura contemporânea. Depois, quando a Companhia das Letras republicou e o livro foi adaptado para o cinema, os leitores e críticos começaram a se interessar, o livro alcançou um público grande de leitores. Então, foram necessários uns 20 anos para que *Lavoura arcaica* tivesse alguma repercussão. E o Raduan, para minha sorte, leu os manus-

critos do *Relato de um certo oriente*. Depois, leu o manuscrito de *Dois irmãos*. E deu opiniões valiosas, sobretudo sobre *Dois irmãos*, que foram talvez decisivas para reescrever o livro.

## Estreia

O Raduan e outros amigos, que não são escritores, mas que são bons leitores, leram meus primeiros manuscritos. E a história da edição do *Relato de um certo Oriente* é longa. Demorou anos para ser publicado. Eu estava em Manaus, no meu autoexílio, dando aulas, exilado na própria pátria, como dizia o Euclides [da Cunha], e aí um editor do Rio me ligou e disse que iria publicar, que havia gostado, etc. Sei que acabou não publicando. Isso demorou anos, até sair pela Companhia das Letras, em 1989. Mas não sou do tipo ansioso. Eu olhava para aquilo e pensava “ah, o que é um livro?, deixa pra lá”. Um dia foi publicado. Quando ganhou o Jabuti, eu estava em Manaus e o pessoal do prêmio me ligou para eu ir receber o Jabuti. Eu disse que iria, mas que precisava que eles me enviassem a passagem, porque eu era professor e não poderia pagar. Então me disseram que não iriam mandar a passagem. Não fui ao prêmio.

## Método de escrita

Preciso ter a estrutura [do livro] na minha cabeça. Preciso ter ideias mais ou menos claras quanto à estrutura dessa ficção. Até algumas personagens, quem vai narrar, tudo isso é anterior à escrita. Se isso não estiver elaborado na minha cabeça, não começo a escrever, sinto que não estou preparado. Por isso demoro tanto para sentar e escrever. E depois demoro a escrever também. Nunca escrevi como se fosse um jorro, como faziam os escritores do *Nouveau Roman* francês, que não tinham plano nenhum: tudo mentira, não acredito em nada disso. Os escritores mentem muito também. Eles criam uma mitologia pessoal, de como trabalham, criam fetiches incríveis. Não tem nada disso: você



Flávio Stein mediu a conversa com Hatoum, que falou a um auditório lotado.

vai lá e escreve. Eu não preciso nem de computador para escrever, quer dizer, eu preciso apenas estruturar essas ideias. Mas, como dizia o Zola, um romance não é feito de ideias, é feito de palavras. E o problema é transformar as ideias em palavras, e depois as palavras bem escritas também não bastam, o problema é costurar todas as situações, cenas, paisagens e conflitos num todo orgânico. Para deixar, lá em baixo, o centro secreto do romance. Tudo isso envolve questões técnicas, que vão além do escrever bem. Mas vou um pouco além disso. Faço esboços contínuos do que vou escrever: e nisso eu guardo uma relação muito próxima com o meu duplo frustrado, que é o arquiteto que não fui. Como ainda tenho noções básicas de desenho, representação, espaço e perspectiva, faço as casas dos romances. Uma tradutora alemã do *Relato de um certo Oriente* e do *Dois irmãos* pediu para eu enviar o desenho das casas desses romances. Fiz com um prazer imenso, cada detalhe e tal.

### Incentivo à literatura

A minha preocupação maior é com a educação pública, porque a cultura depende da educação pública. E aí, a gente volta para o ensino público de qualidade, para as deficiências do ensino público, para o salário vergonhoso, obscuro, dos professores do ensino público, para as condições materiais das escolas, para a falta de segurança. Tanta coisa que está envolvida na qualidade do ensino que eu acho até um luxo pensar na cultura quando a nossa educação pública é tão precária. Acho que deve existir uma política cultural, como todo país tem. O futuro do país depende disso, que deveria ser uma obsessão do povo brasileiro. Bem, já que os políticos não querem, o povo brasileiro deveria se manifestar. Deveria ir às ruas reivindicar educação e saúde de qualidade. Cidadania é isso. Não é por acaso que a Alemanha tem o maior número de leitores na Europa, é um dos países em que mais se lê. Por quê? Vá ver as condições das escolas alemãs.

### Leitura entre a classe média

O brasileiro de classe média está preocupado em ir para Miami gastar dinheiro. Não tem problema nenhum. Mas você pode ir para Miami e ler *O coração das trevas* no caminho. Falei isso para minha tia, para ela levar um livro quando fosse lá. Aliás, o Alejo Carpentier, escritor cubano, dizia que a classe média da América Latina não está nem um pouco preocupada com a leitura de qualidade. Isso deve estar mudando um pouco, ou eu estou ficando com medo de *Dois irmãos*, porque é muito lido. Então penso: “será que é de fato um livro que tem alguma qualidade?”. Quando se atinge um público muito grande, é de desconfiar. Mas as universidades também estão formando gente. Mesmo as particulares, que às vezes a gente torce um pouco o nariz. Aonde eu tenho ido, no interior do Brasil e tudo mais, há sempre bons professores. Bem formados e exigentes. Isso cria um público leitor, mas é um proces-

so lento. De um modo geral, do brasileiro comum, que pode ler um livro ou frequentar uma biblioteca para ler, nós estamos ainda devendo muito.

### Literatura brasileira

A literatura brasileira começou como um espelho distorcido da literatura europeia. O Machado de Assis não seria o Machado se não tivesse lido literatura francesa, inglesa, russa. Aqui em Curitiba, vocês têm um grande contista, o Dalton Trevisan. Há grandes narradores contemporâneos por todo o país. Graciliano Ramos, Osman Lins. Nós já temos alguma tradição. Não tenho nenhum complexo de inferioridade com a literatura brasileira. Porque a partir do Machado, que foi de fato o maior escritor da América Latina do século XIX, esse grande arco que vai até Clarice Lispector e Guimarães Rosa, a gente não deve nada à literatura americana, por exemplo. Qual escritor americano, a não ser William Faulkner, pode ser comparado ao Guimarães Rosa? Agora, a desgraça é que a língua portuguesa é pouco traduzida, e o Rosa é mal traduzido. Inclusive para o inglês. É pessimamente traduzido. Por exemplo, uma política cultural seria bancar tradutores para a obra do Guimarães Rosa para o inglês. Reunir um grupo de tradutores, porque um só não dá conta. Traduzam *Grande sertão: veredas*. Bem, vocês que são jovens corajosos, abram o *Grande sertão* e leiam as 565 páginas. Isso para mim é um ato de coragem, ler *O jogo da amarelinha*, do Cortázar. Leia *Guerra e paz*. É um ato de coragem, transgressor, vai fazer bem para a sua vida, para a sua alma, para as conversas com a namorada. É um assunto e tanto. Já pensou, *Guerra e paz*? Três anos de conversa. Poucos momentos de silêncio e tédio. Chega o tédio, você fala “tem uma cena no *Grande sertão*...”. É um casamento, uma vida inteira. Quando ele entra nas veredas mortas... sabe por que veredas mortas? Porque alguma coisa vai acontecer. É um lugar sombrio, obscuro. Conta isso para ela. ■

# Farol cultural

Fundada em 1857, a Biblioteca Pública do Paraná se tornou palco para as mais diversas manifestações culturais, o que a transformou em uma das instituições mais importantes do Estado



Sétima sede da BPP,  
na rua Ébano Pereira  
(1904-1929).

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Em 1853, ano em que a Província do Paraná fora desmembrada da Província de São Paulo, em Curitiba existiam quatro igrejas, 27 quarteirões, em que moravam 5.819 pessoas, 308 casas, 35 armazéns, um seleiro, nove sapateiros, uma padaria, uma tipografia, que imprimia o jornal oficial, *Dezenove de Dezembro*, e um liceu, criado em 1846 e que, uma década depois, em 7 de março de 1857, viria a se tornar a Biblioteca Pública do Paraná, uma instituição cuja história se confunde com a própria trajetória de Curitiba e do Paraná.

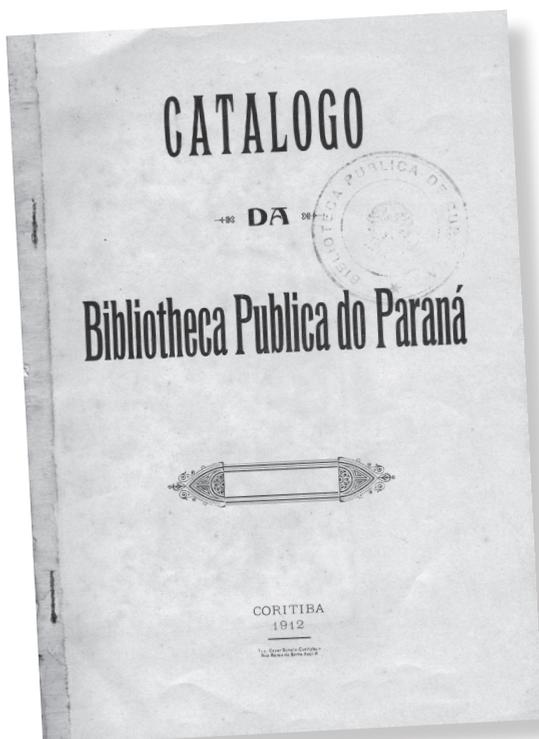
Desde a segunda metade do século XIX, a Biblioteca Pública do Paraná não é apenas uma das instituições mais antigas do Estado, mas também uma espécie de guardiã da memória paranaense. História centenária escrita por 41 diretores e milhares de funcionários e usuários, que há décadas fazem da BPP uma das bibliotecas públicas mais visitadas e de maior acervo do Brasil.

“Nenhuma livraria, nenhuma biblioteca existia para atender aos alunos e professores. Então a criação de uma Biblioteca Pública era necessária para que a

população pudesse ter acesso aos livros”, diz o historiador Ernani Straube, autor do livro *Biblioteca Pública do Paraná — Sua história*, que traça o percurso cultural e administrativo da instituição.

Apenas a trajetória de suas treze sedes já é suficiente para contar parte importante da história arquitetônica da cidade. A primeira sede (1859 a 1873) ficava entre as ruas Saldanha Marinho e Cruz Machado, onde hoje funciona a Secretaria de Estado da Cultura (SEEC). No bojo das mudanças estruturais do então recém-criado Estado, em um período em que o livro era objeto raro, o primeiro regulamento, entre outras normas, impedia a “saída de qualquer obra para fora da Biblioteca, a título de empréstimo ou sob qualquer pretexto”.

Ainda no século XIX, quando a BPP passou por seis mudanças de sedes, nomes importantes da política e das artes do Paraná, como Victor Ferreira do Amaral, Ermelino de Leão e Romário Martins, dirigiram a instituição. Depois de passar por prédios históricos da cidade na primeira metade do século XX, como o Museu Paranaense (7ª sede, entre 1929 e 1931) e o Colégio Estadual do Paraná (12ª sede, entre 1949 e 1954), em 1954



Catálogo da BPP de 1912

a BPP finalmente se estabelece no atual prédio, na Rua Cândido Lopes, número 133, no Centro de Curitiba.

### Palco de debates

À sua rica e centenária história, soma-se uma atuação de destaque na área cultural do Estado. Abrigo de intelectuais, músicos e escritores, a BPP teve

papel fundamental não apenas na formação de grandes nomes da cultura local (muitos deles tiveram sua iniciação intelectual no prédio da Cândido Lopes), mas também como um espaço que deu guarida às mais diversas manifestações artísticas, seja na música, nas artes plásticas ou na literatura.

“Nos anos 1960, quando Curitiba ainda não era essa cidade enorme que é hoje, a Biblioteca era o berço da cultura local. Nada se comparava à sua programação cultural, era um centro das artes plásticas, da literatura. Poucos locais na cidade se dedicavam à cultura como a BPP. As possibilidades eram poucas na cidade”, diz Marilene Zicarelli Millarch, que comandou a instituição entre 1995 e 2002.

Ser um espaço de difusão cultural, que vai além da função básica de empréstimos de livros, sempre foi uma das marcas mais visíveis da Biblioteca Pública do Paraná, o que a transformou em um farol da cultura local. Nas artes plásticas, um segmento em que a cidade sempre teve uma forte cena, a BPP foi e continua sendo palco importante para exposições. Durante muitos anos, foi o local em que se divulgavam os vencedores do Salão Paranaense, tradicional concurso de



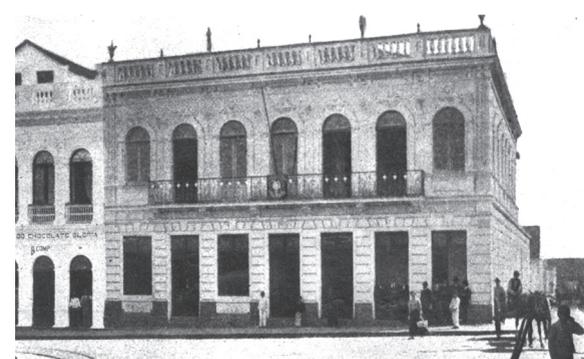
**7 de março de 1857:** José Antônio Vaz de Carvalhães, vice-presidente da província do Paraná, inaugura a *Bibliotheca Pública de Curitiba*, no Lyceo de Curitiba.

### 6 de julho de 1858:

José Lourenço de Sá Ribas, subinspetor de instrução Pública, é nomeado o primeiro diretor da Biblioteca Pública do Paraná.

### 25 de março de 1886:

a Biblioteca Pública deixa de carregar Curitiba no nome e passa a se chamar Biblioteca Pública do Paraná.



**13 de fevereiro de 1893:** é autorizada a mudança de sede da BPP. Ela se transfere para o prédio onde funcionava a Câmara Municipal. É a 4ª sede da instituição (1893-1894).

“A importância da BPP encontra-se na conciliação da tecnologia e melhoria de sistemas de informação, com o apoio técnico dos funcionários. O funcionário é fundamental no processo interno, atuando como uma bússola.”

**Canísio Morch**, funcionário desde 1979, atualmente na Divisão de Documentação Paranaense.

artes plásticas criado em 1944 e que hoje acontece de dois em dois anos. Em 1969, o jornal *O Estado do Paraná* noticiava que os artistas Poty Lazzaroto, Arcângelo Ianelli e Fernando Veloso, “que fazem parte da comissão julgadora do Salão, se reuniam na Biblioteca Pública do Paraná para anunciar os vencedores da 26ª edição do Salão Paranaense”.

Com um rico acervo de literatura, a BPP também foi palco para grandes discussões literárias. Além de escritores locais, como Paulo Leminski, Helena Kolody e Wilson Bueno, autores como Luis Fernan-

do Verissimo, Antonio Callado, Fernando Sabino e Ignácio de Loyola Brandão também estiveram na BPP. O crítico Wilson Martins, por exemplo, foi, até sua morte, em 2010, o maior doador de livros da Biblioteca. Na Divisão de Documentação Paranaense, os escritores do Estado têm sua trajetória profissional arquivada em pastas personalizadas. Alguns deles, cuidam pessoalmente da atualização do acervo.

### Acervo

Mas o caráter cultural da instituição certamente não existiria sem o rico acervo constituído durante décadas. Em uma espécie de círculo virtuoso, os leitores, em busca do conhecimento contido nos mais de 600 mil exemplares do acervo — entre livros, revistas, discos, mapas e documentos raros —, são fregueses pelas frequentes atividades culturais. Isso somado, fez com que a BPP se tornasse uma das maiores bibliotecas, em termos de frequência, de todo o Brasil. Com uma média de aproximadamente 2,5 mil visitantes por dia, a BPP é uma das bibliotecas mais visitadas do país.

“O que mais me marcou foi a satisfação de ter alcançado os maiores índices de frequência e empréstimos de livros dentre as bibliotecas públicas brasilei-

ras após os dois primeiros anos de gestão. Chegamos a atender 7,5 mil usuários e efetuar cerca de 2,5 mil empréstimos de livros por dia”, diz Valéria Prochmann, que dirigiu a instituição de 1991 a 1994.

Já o ex-diretor Cláudio Fajardo lembra outro importante trabalho: o atendimento aos estudantes. “O acervo da BPP é riquíssimo. Escolas e até mesmo cursinhos pré-vestibular geralmente não oferecem bibliotecas. A BPP supre toda essa demanda de alunos que recorrem ao seu acervo.” Fajardo se refere a estudantes como Michel Sales, de 16 anos, que está no 3º ano do Ensino Médio e vem de Pinhais, na Região Metropolitana de Curi-

“Para construir uma trajetória na BPP é preciso, primeiramente, paixão. Trabalhar com o conhecimento em construção permanente exige um tipo de entrega que é muito visível nos funcionários que trabalham aqui.”

**Elizabeth Sillos**, chefe da Divisão de Informática, funcionária da BPP desde 1985.

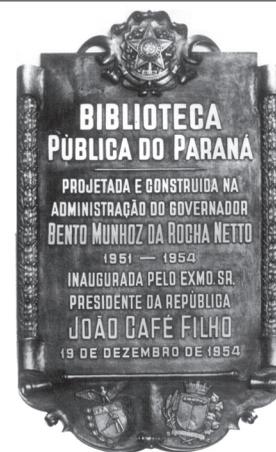
tiba, toda sexta-feira para emprestar livros. “Prefiro as histórias de ficção científica. Venho com algumas indicações das minhas pesquisas e sempre recebo boas sugestões dos funcionários”, diz o estudante.

Separada por nove Divisões, a Biblioteca atende os mais diversos públicos, dentro e fora da instituição. A Seção de Linguística e Literatura, que faz parte da Divisão de Obras Gerais, conta com um acervo de mais de 147 mil volumes e é um dos espaços mais visitados.

A Seção Infantil é outra referência. Tem grande visitação e oferece uma programação diversificada para crianças de até 13 anos. Além do acervo de literatura infantojuvenil, a Seção promove peças de teatro (“Aventuras Teatrais”), encontros com escritores (“Aventuras Literárias”) e a tradicional “Hora do conto”, contação de histórias que há décadas faz sucesso entre os pequenos.

Há ainda Seções de Ciências Sociais, Filosofia, Ciências Puras e Aplicadas, Belas Artes, Referência e História e Geografia, que dão suporte não apenas aos estudantes, mas também a pesquisadores. Assim como a Divisão de Documentação Paranaense, que guarda mais de 100 mil itens em seu acervo — entre fotografias, jornais, revistas, partituras musi-

**30 de junho de 1930:** a BPP é transferida para o edifício do Museu Paranaense, no Palacete Macedo, situado na Rua Buenos Aires, 200, esquina com a Rua Benjamin Lins. Sebastião Paraná é o diretor à época.



**19 de dezembro de 1954:** é inaugurada a sede própria da BPP na Rua Cândido Lopes, 133.

Kraw Penas



**1981:** começa a ser desenvolvida a Seção Braille, que se tornou referência no Brasil.



Decreto que criou a Biblioteca Pública, em 1857.

cais e mapas — em seu acervo e é depositária da memória biográfica paranaense. A BPP também é referência para bibliotecas menores do Estado. Por meio da Divisão de Extensão, desenvolve ações, há mais de 30 anos, para estimular a criação e o desenvolvimento das bibliotecas públicas municipais, além de enviar “caixas-estantes” para empresas e outras instituições com o objetivo de incentivar a leitura.

Para resguardar essa estrutura grandiosa e manter intactos documentos tão importantes, a Biblioteca conta com setores como a Divisão de Preservação, que restaura cerca de 250 livros por mês, e a Divisão de Processamento Técnico, responsável pelo recebimento, seleção e encaminhamento das obras que chegam à BPP. Para cuidar de tudo isso, duzentas e vinte pessoas (entre funcionários e estagiários) trabalham de segunda a sábado. Para o atual diretor, Rogério Pereira, além da história fantástica da instituição, construída ao longo do último século e meio, o empenho de quem trabalha e daqueles que já passaram pela instituição é de extrema importância. “A Biblioteca funciona extremamente bem por conta do envolvimento de quem trabalha aqui. Os funcionários têm grande amor pela instituição e cuidam de forma exemplar de sua estrutura.” ■

“Temos muita paixão pelo que fazemos. As iniciativas que temos com as crianças, de trazê-las à BPP e retirar a ideia de que a Biblioteca é um local hermético e silencioso, restrito aos adultos, são uma demonstração de que acreditamos que estamos fazendo um trabalho de relevância social.”

**Vilma Gural Nascimento**, Assessora Técnica da Direção da BPP, há 32 anos na instituição.

“Ao assumir a Secretaria de Estado da Cultura, em 2011, escolhi a Biblioteca Pública do Paraná para a transmissão do cargo porque este é o espaço onde todas as histórias estão reunidas. Não só as minhas histórias, mas as histórias do mundo. Aqui temos guardados os registros de nossa cultura. A Biblioteca é aberta a todos e isto a transforma num importante espaço de reflexão a que podemos recorrer em todos os momentos de dúvidas, incertezas ou receios, por isso é mais do que um dever preservar e garantir que este acesso seja perene.”

**Paulino Viapiana**, Secretário de Estado da Cultura.



Carro da BPP que circulava por Curitiba.

Kraw Penas



**18 de dezembro de 2003:** o prédio da Biblioteca Pública é tombado, dentro da programação alusiva ao Sesquicentenário da Emancipação Política do Paraná, como Patrimônio Estadual.

**3 de maio de 2011:** depois de 26 anos, o projeto “Um Escritor na Biblioteca” volta a acontecer. Cristovão Tezza é o primeiro convidado.

Kraw Penas



# A BPP do futuro

Novos projetos culturais e estruturais reafirmam a importância da Biblioteca Pública do Paraná como local de grandes debates

DA REDAÇÃO

Um ambiente vivo e não apenas um depósito de livros. É o que uma biblioteca deve ser segundo o diretor da Biblioteca Pública do Paraná, Rogério Pereira. A partir dessa convicção, as atividades culturais da BPP se intensificaram no começo de 2011. Além de compras periódicas de livros (foram cerca de 6 mil exemplares no ano passado; outros 10 mil estão previstos para 2012), a programação cultural foi revista e ampliada.

A tradicional programação da Seção Infantil foi incrementada, com a criação de projetos como “Aventuras Literárias”, que trouxe à BPP, entre outros escritores, Marina Colasanti e Ricardo Azevedo, para falar de suas experiências com a escrita e a leitura, e “Aventuras Teatrais”, apresentações mensais relacionadas ao universo infantil. Em 2012, dois novos projetos envolvendo música também vão acontecer: “Música na Biblioteca” (semanal) e “Aventuras Musicais” (mensal, para o público infantojuvenil).

Em 2011, quase duas dezenas de escritores estiveram na Biblioteca participando de bate-papos com os leitores e ministrando oficinas. Criado em 1985, o projeto “Um Escritor na Biblioteca” foi resgatado e no ano passado trouxe à BPP nomes como Luiz Ruffato, Marçal Aquino, Elvira Vigna e Milton Hatoum. Os bate-papos foram transcritos, editados e

publicados no **Cândido**. A TV E-Paraná, parceira da Biblioteca no projeto, gravou e transmitiu as conversas em sua grade de programação. Em 2012 os bate-papos serão editados em livro, juntamente com os encontros realizados nos anos 1980, e publicadas pela coleção Biblioteca Paraná. Este ano, escritores como Fernando Moraes, João Gilberto Noll, Luiz Vilela e Edney Silvestre estarão no evento.

As oito oficinas de Criação Literária também atraíram grande público. Nomes como Humberto Werneck, Eliane Brum e Miguel Sanches Neto ministraram concorridos encontros sobre crônica, reportagem e conto. Em 2012, outras nove oficinas já estão programadas.

“As oficinas de criação literária, os encontros do projeto ‘Um Escritor na Biblioteca’ e o próprio surgimento do **Cândido** colocaram os frequentadores da BPP em contato com o que de melhor se produz na literatura contemporânea”, opina Rogério Pereira.

Outros projetos literários, como “Extremos – Círculo de Leitura de Ficções Radicais” e o laboratório “Em Busca do Personagem: Um Olhar Singular”, ambos coordenados por José Castello, também reforçaram a programação.

Juntamente com a SEEC, a BPP concluiu o Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura (PELLL), que reúne políticas públicas que visam a democratização do acesso ao livro e a valorização da leitura. Com o Plano, o objetivo é transformar o Paraná em um Estado de leitores por meio de políticas públicas que democratizem o acesso ao livro e fomentem a leitura. Para isso, a BPP coordenará diversas ações de incentivo à leitura em todas as regiões do Estado. Também será lançado o prêmio Paraná de Literatura.

“ A BPP é um patrimônio importante do Estado do Paraná. Com o novo projeto, vamos proteger e dialogar com a instituição”.

Manoel Coelho, arquiteto.



## Estrutura

Além dos projetos culturais, a BPP inicia em 2012 nova fase em sua estrutura física com a ampliação de sua rede lógica e elétrica. A reforma, que teve início em fevereiro, entre outros benefícios, possibilitará a instalação de novos terminais de consulta e a retirada dos fichários no *hall* de entrada do prédio. Dezanove anos depois da instalação, esta é a primeira vez que a rede lógica e elétrica passa por uma ampliação. Esse é também o primeiro passo para a implementação da rede *Wi-Fi* na Biblioteca, que deve acontecer ainda em 2012. “Com a reforma, novos pontos de rede serão instalados, possibilitando que mais computadores possam ser utilizados pelos funcionários, melhorando as condições de trabalho e, consequentemente, o atendimento ao público”, explica Pereira.

As obras realizadas neste começo de ano dão início ao projeto de reestruturação física da BPP, que prevê a reforma geral do prédio e seu mobiliário, cujo projeto está sendo elaborado pelo escritório Manoel Coelho Arquitetura.

“O prédio da BPP é tombado pelo patrimônio e o projeto feito pelo engenheiro Romeu Paulo da Costa é maravilhoso em termos de urbanismo. O que vamos fazer é valorizar ainda mais o prédio, tornando a Biblioteca mais acolhedora e agradável, mas tudo com seriedade”, diz Coelho. ■

# Entre letras e números

## Frequentador assíduo da BPP, Miguel de Oliveira é um matemático apaixonado pelo jornalismo

DA REDAÇÃO

Miguel Ângelo de Oliveira é matemático. Mas quando chega à Biblioteca Pública do Paraná, passa longe da Seção de Ciências Puras e Aplicadas. Seu destino é a Divisão de Periódicos, que frequenta no mínimo três vezes por semana, sempre pela manhã. Oliveira é leitor fiel dos diários *Zero Hora*, *O Globo*, *Gazeta do Povo* e *Folha de S. Paulo*, principalmente dos cadernos de esportes.

Professor de matemática há 22 anos, Oliveira dá aulas em um cursinho pré-vestibular e em um colégio de ensino médio em Curitiba. Natural de Telêmaco Borba, cidade dos Campos Gerais a 249 km da capital paranaense, veio a Curitiba ainda criança, antes de começar os estudos.

Pai de dois filhos, o professor Oliveira mora no centro da cidade, a poucas quadras da BPP. “Uma das coi-



Miguel ressalta a importância da biblioteca na organização da informação.

sas que me atraem na Biblioteca Pública é o acesso à informação. A internet é um meio muito importante de conexão e distribuição de informação, entretanto, também acredito que as bibliotecas cumprem uma função essencial de organização e filtro de todos esses estímulos informativos que recebemos diariamente”, diz.

Leitor eclético, Oliveira vai da *Veja* à *IstoÉ*, mas dispensa a literatura de ficção. “Não me aventuro muito por es-

sas bandas, não.” Nas horas em que não está lendo ou preparando aulas, gosta de assistir a programas esportivos, não dispensando nem mesmo os jogos entre os [times] pequenos.

“Adoro Curitiba, pois é uma cidade de temperaturas suportáveis, ótimas pessoas, muitas oportunidades de trabalho... Não saio daqui por nenhuma outra cidade. Também não sei se teria uma biblioteca tão boa ao lado de casa em algum outro lugar.” ■

## CURIOSIDADES DA BPP

- Em 2011, foram realizados 217.296 empréstimos.

- 613.128 usuários passaram pela BPP no último ano.

- O livro mais antigo do acervo é *Orlando furioso*, de Ludovico Ariosto. O exemplar, em papel de linho, foi editado na Itália, em 1584.

- Em 1981, a BPP adquiriu a coleção de Ex-Libris Ely de Azambuja Germano. Um dos maiores e mais valiosos acervos do país, a coleção conta com cerca de 3,2 mil itens.

- Caixa-estante: a BPP envia coleções itinerantes, armazenadas em caixas, para diversas instituições. Geralmente são enviados 80 a 100 livros de literatura.

- 220 pessoas trabalham na BPP, de segunda a sábado.

- Cerca de 2,5 mil pessoas frequentam a Biblioteca diariamente.

- Em média, 250 livros são restaurados mensalmente.

- O acervo tem mais de 600 mil títulos.

- Seção de Linguística e Literatura conta com 147 mil volumes.

- Divisão de Documentação Paranaense guarda mais de 100 mil livros, documentos, discos e mapas sobre o Estado.

# Frente fria, literatura aquecida

Mesmo com poucos selos editoriais em Curitiba, nova safra de escritores tem conseguido publicar e agitar a cena literária local



MARIANA SANCHEZ

Ruminar sobre o tempo instável pode deixar de ser o principal esporte curitibano. Após um grande volume de lançamentos editoriais, eventos e publicações especializadas que têm agitado a capital paranaense nos últimos anos, há grandes possibilidades de a literatura se tornar assunto recorrente.

Ao menos uma dúzia de escritores curitibanos, ou aqui radicados, veteranos ou estreantes, publicaram livros em 2011. Mesmo ano em que dois autores da cidade levaram o prêmio Jabuti: José Castello, na categoria Romance, e Dalton Trevisan, na de Contos, claro. 2011 também foi marcado por numerosos eventos literários, como o resgate do projeto “Um Escritor na Biblioteca”, na Biblioteca Pública do Paraná, a segunda edição do ciclo “Autores & Ideias” e a “30ª Semana Literária”, ambas organizadas pelo SESC-PR, o encontro “Zoon Literária”, realizado pela editora Medusa, e as leituras poéticas semanais do “Vox Urbe”, no porão do Wonka Bar. Agora, em 2012, o selo nacional Tulipas Negras estreia com a publicação de quatro autores curitibanos e, em abril, sai a nova versão do clássico de James Joyce em português, traduzida por Caetano Galindo, professor da Universidade Federal do Paraná.

Todas essas iniciativas têm papel decisivo na produção local. Um exemplo é a oficina literária de José Castello, cuja primeira edição, em 2006, foi o ponto de partida para a estreia do jornalista Luiz Andrioli na ficção. *O Ladrador de cães* foi selecionado entre quase 200 obras de todo o Brasil pela editora paulista Grua Livros e chega às livrarias no primeiro semestre de 2012. “Participar desses encontros foi fundamental para desenvolver os contos que compõem o livro. Oficinas como esta são importantes, e tenho notado



Gilson Camargo

Leprevost, que acaba de lançar o romance *E se contorce igual um dragãozinho ferido*.



Divulgação

Tridapalli, a nova cara do romance curitibano.

que nos últimos anos o poder público investiu mais nelas, seja nos bairros ou em bibliotecas. Como a literatura é algo que leva tempo para maturar, é agora que vamos começar a colher estes resultados”, analisa Andrioli.

Para o escritor e jornalista Luís Henrique Pellanda, que lançou recen-

temente o elogiado *Nós passaremos em branco* (Arquipélago Editorial), o que poderíamos chamar de “boom” nas letras locais é reflexo de algo maior. “Hoje, a literatura brasileira de modo geral vive um excelente momento. Ser escritor tem seu charme, se tornou uma atividade atraente. O tal boom curitibano se

“Tenho notado que nos últimos anos o poder público investiu mais em oficinas literárias. Como a literatura leva tempo para maturar, é agora que vamos começar a colher resultados.”

**Luiz Andrioli**

deve a este cenário nacional, somado ao movimento mundial das redes sociais, que facilitou a circulação das obras, e a um novo momento da própria cidade, que já acumulou um século de cultura e agora está resgatando a vocação cosmopolita de seus imigrantes.” O também escritor Marcio Renato dos Santos, que acompanha a cena há duas décadas, não tem dúvidas de que estamos vivendo nossa melhor fase. “Quem se dedica pode encontrar oportunidades para publicar aqui ou em outros Estados, mas o Paraná tem um diferencial, que é a circulação de revistas e jornais veiculando textos de ficção há seis décadas.”

Marcio se refere a publicações como a antológica *Joaquim*, editada por Dalton Trevisan, entre 1946 e 1948, o jornal *Nicolau*, que Wilson Bueno capitaneou nos anos 1990, a revista *Et Cetera*, da Travessa dos Editores, e o jornal *Cândido*, que em agosto completa seu primeiro aniversário. “Tive a oportunidade de publicar inúmeros contos

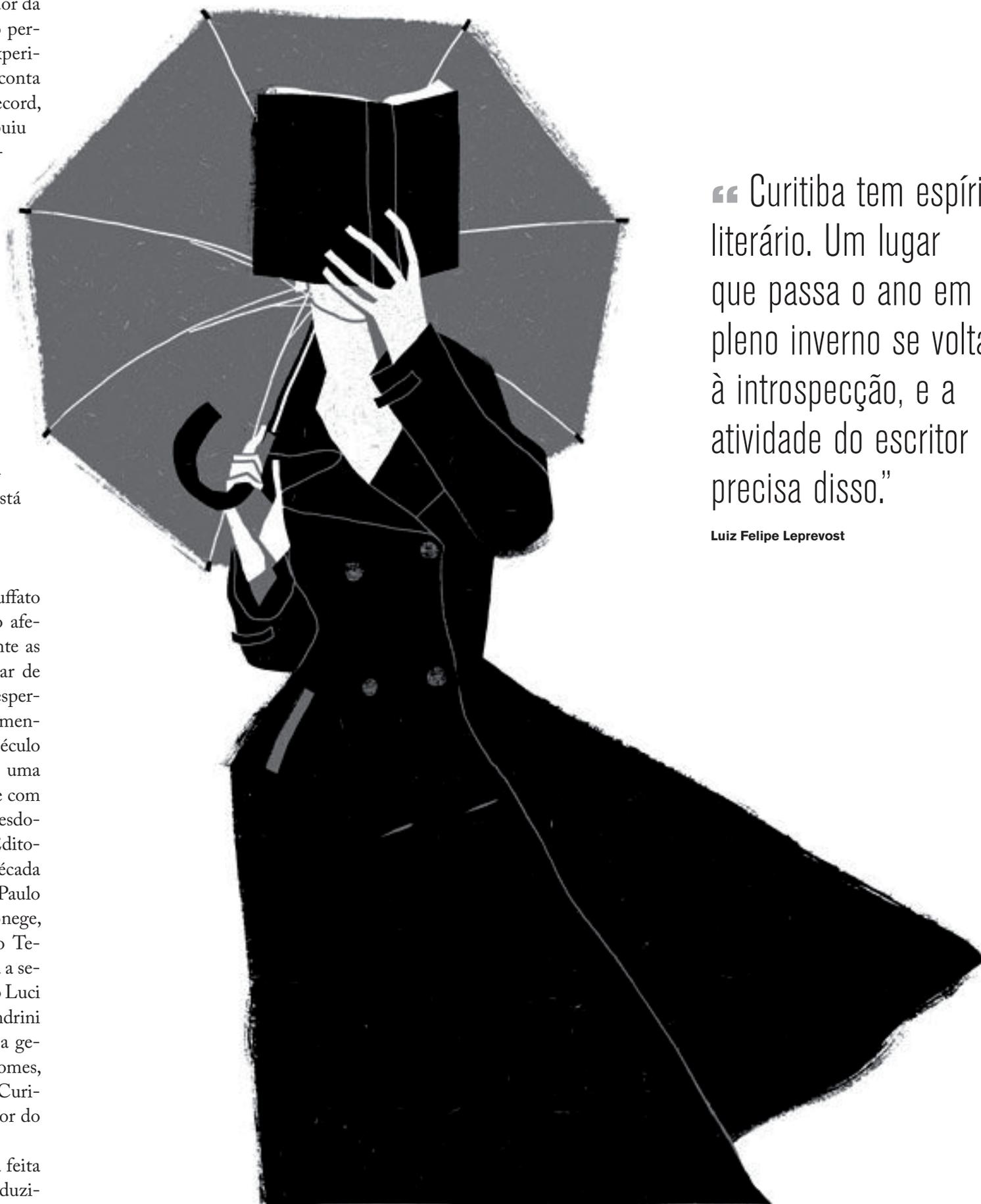
## CAPA | LITERATURA CURITIBANA

no jornal *Rascunho*, um incentivador da prosa inventiva há 12 anos, e isso permitiu que eu amadurecesse e experimentasse com toda a liberdade”, conta Marcio. Autor de *Minda-Au* (Record, 2010), no ano passado ele distribuiu de graça mil exemplares do seu livro-conto, *Você tem à disposição todas as cores, mas pode escolher o azul*, durante um ato performático na passagem subterrânea de um terminal de ônibus em Curitiba. Marcio não acredita estar havendo um *boom* literário na cidade, mas muitos *booms* ao mesmo tempo. “Curitiba recebe muita gente, deve ter diversos autores interessantes que ainda não sei quem são. Literariamente, hoje a situação é boa. Mas o melhor ainda está por vir”, afirma.

### Vozes plurais

O escritor mineiro Luiz Ruffato conta que aprofundou sua relação afetiva com a cidade em 2011, durante as duas visitas que fez para participar de eventos literários. “Curitiba já despertava meu interesse desde o movimento simbolista do começo do século XX. Depois, com *Joaquim*, gerou uma espécie de continuidade, ainda que com interrupções, mas sempre com desdobramentos importantes, como a Editora Cooperativa de Escritores. A década de 1980 foi pródiga: aí estavam Paulo Leminski, Wilson Bueno, Jamil Senege, Manoel Carlos Karam, Cristovão Tezza, Alice Ruiz, Valêncio Xavier. Já a seguinte revelou muitos outros, como Luci Collin, Ricardo Corona, Paulo Sandrini e Miguel Sanches Neto. E agora a geração que sucede tem inúmeros nomes, até porque a vida intelectual em Curitiba hoje é invejável”, afirma o autor do premiado *Eles eram muitos cavalos*.

Para ele, porém, a literatura feita aqui não difere muito daquela produzi-



“Curitiba tem espírito literário. Um lugar que passa o ano em pleno inverno se volta à introspecção, e a atividade do escritor precisa disso.”

Luiz Felipe Leprevost

da no restante do Brasil. “Por se tratar de um espaço geográfico específico, tem suas características próprias, é claro, mas repetem-se as preocupações comuns a todos os centros urbanos brasileiros, como a violência, a dificuldade de comunicação, o despertencimento. E o que me encanta hoje é exatamente isto: como diferenciar o quase indiferenciável”, reflete. Até mesmo Cristovão Tezza, cuja obra está impregnada por Curitiba — “quando viajo, levo a cidade comigo, mesmo a contragosto” —, discorda da ideia de uma literatura essencialmente curitibana. “Houve um momento da minha formação, quando convivia com o escritor ‘mais curitibano que conheci’, o Jamil Snege, que eu imaginava certa unidade secreta entre os autores daqui, mas essa ideia foi se esfumando e hoje não me preocupa mais.”

Já o poeta Rodrigo Madeira, nascido em Foz do Iguaçu e há 12 anos na capital, diz notar nos poetas daqui uma visão um tanto melancólica e sarcástica do mundo, “um jeito mais itabirano do que propriamente leminskiano — ‘este orgulho, esta cabeça baixa’”, diz, em referência ao Drummond. Se, do ponto de vista formal, ele identifica uma variedade enorme de estilos — da poesia crítica aos versos clássicos, passando pelo haicai abrasileirado até fincar pé nas liberdades pós-vanguardas —, a temática urbana e os problemas sociais parecem se repetir na produção poética local. “Curitiba mudou muito nos últimos 15 anos, tornou-se mais diversa e cosmopolita, e ao mesmo tempo mais injusta e violenta. A cidade deixou de ser uma província, mas o curitibano típico talvez nunca deixe de ser um perplexo provinciano”, provoca o autor de *Sol sem pálpebras* (Sesquicentenário, 2006) e *pássaro ruim* (Medusa, 2009).

De fato, há pouco em comum

entre a prosa sensorial de Assionara Souza, a linguagem experimental de Adriano Esturillo e a literatura transgressora de Luci Collin, para ficar em três figuras interessantes da cidade. No entanto, chama atenção a preferência local pela prosa curta. Luís Henrique Pellanda, que provou conhecer bem o gênero em *O macaco ornamental* (Bertrand, 2009), arrisca uma teoria: “A poesia do Leminski exerceu grande influência nos escritores daqui, mas isso parece ter passado. Já os contos de Dalton Trevisan, talvez por ele ainda estar produzindo, continuam pesando sobre as novas gerações. Por outro lado, a cidade nunca teve tradição em narrativas longas, o que começa a mudar com o sucesso das obras do Cristovão Tezza. Talvez, agora, sua presença marcante no mercado editorial impulse o surgimento de uma geração de romancistas”, supõe Pellanda, citando como um possível primeiro fruto o romance *Pequena biografia de desejos* (7Letras, 2011), ótima estreia do curitibano Cezar Tridapalli.

### Quem edita

Apesar de todas as dificuldades de distribuição em um território continental como o Brasil, casas editoriais como a Kafka, do escritor Paulo Sandrini, e a Medusa, de Ricardo Corona, fazem barulho com estreias e reedições importantes, como a trilogia de Alhures do Sul, de Manoel Carlos Karam, e a obra de um dos autores mais prolíficos da geração atual, Luiz Felipe Leprevost. Só no ano passado, ele lançou dois livros: *E se contorce igual a um dragãozinho ferido* (Arte & Letra) e *Manual de putz sem pesares* (Medusa). Para ele, um alento na cidade foi a inauguração da nova sede da livraria e editora Arte & Letra, meses atrás. “Ela é a nossa José Olympio”, brinca, referindo-se ao reduto da intelectualidade brasileira

## ESTANTE PARANAENSE

**Alexandre França**

*De doze em doze horas* (Ed. 1801, 2010)

**Alice Ruiz**

*Jardim de Haijis* (Iluminuras, 2010).

**Antonio Cescatto**

*Preponderância do pequeno* (Kafka Edições, 2010).

**Carlos Machado**

*Balada de uma retina sul-americana* (7Letras, 2006).



**Cezar Tridapalli**

*Pequena biografia de desejos* (7Letras, 2011).



**Cristovão Tezza**

*Um erro emocional* (Record 2010) e *Beatriz* (Record, 2011).



**Assionara Souza**

*Amanhã, com sorvete!* (7Letras, 2010) e *Os hábitos e os monges* (Kafka Edições, 2011).

**Dalton Trevisan**

*Desgracida* (Record, 2010) e *O anão e a ninfeta* (Record, 2011).

**Estrela Leminski**

*Poesia é não* (Iluminuras, 2011).

**Fábio Campana**

*A árvore de Isaías* (Travessa dos Editores, 2011).



Guilherme Pupo

“ Houve um momento da minha formação em que eu imaginava uma certa unidade secreta entre os autores daqui, mas essa ideia foi se esfumando e não me preocupa mais.”

**Cristovão Tezza**

## CAPA | LITERATURA CURITIBANA

nos anos 1930 no Rio de Janeiro.

### Aura literária

“Curitiba tem espírito literário, algo que emana das luzes amarelas da praça Osório. Um lugar que passa o ano em pleno inverno se volta à introspecção, e a atividade do escritor precisa disso”, afirmam os escritores Luiz Felipe Leprevost e Fabiano Vianna em uma dessas noites frescas no Bar Stuart, o mais antigo da capital. Seria o clima e a postura reservada de seu povo os verdadeiros motivos para Curitiba atrair tantos intelectuais até hoje, como Décio Pignatari, André Carneiro e José Castello? “Para a minha geração, o grande chamariz era a UFPR, que trouxe muita gente para cá nos anos 1950 e 1960. Depois, o foco passou a ser a busca de uma vida mais tranquila numa cidade média. Sobre a aura literária, o frio ou o espírito de reclusão que abençoariam Curitiba são apenas mitologias saborosas que persistem, mas não têm relação com a realidade”, opina Cristovão Tezza.

Outra lenda, segundo Marcio Renato dos Santos, é a famosa autofagia local. “*Minda-Au* vendeu centenas de exemplares, a maioria em Curi-

tiba. Tezza, Pellanda e Fábio Campana também têm ótima aceitação aqui. Ou seja, os curitibanos leem seus contemporâneos, sim”, defende. Tezza também acha que a tal autofagia é mera curiosidade de bar. “Bairrismo não faz literatura, e a autofagia tem a vantagem de estimular a independência. Enfim, tudo está mudando, até mesmo Curitiba, por incrível que pareça”, diverte-se.

### Culto e renovação

Alguém deverá lembrar que, nos anos 1990, Curitiba ganhou o apelido de “Seattle brasileira”, devido à eclosão de bandas de *rock* na cidade. Porém, até hoje nenhum grupo despontou pra valer no cenário nacional. “Na literatura, nós também não somos populares — ainda não tivemos nosso Chico Buarque —, mas é diferente porque temos tradição literária”, opina Pellanda. Para ele, mesmo os nomes mais representativos da literatura curitibana nunca chegaram a ter apelo popular no Brasil, embora alimentem um culto enorme ao seu redor. Leprevost e Fabiano Vianna também notam essa adoração em torno dos cânones dos pinheirais. “A geração que viveu e produziu aqui nos anos

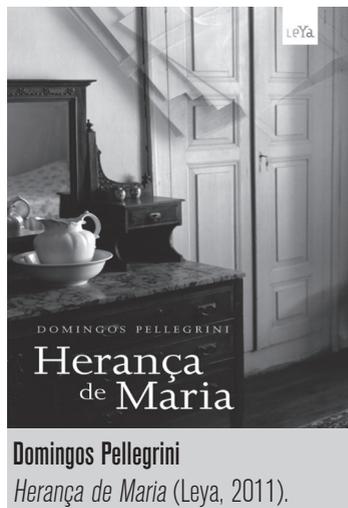


Fabiola Mann

“ Curitiba recebe muita gente, deve ter diversos autores interessantes que ainda não sei quem são. Literariamente, hoje a situação é boa, mas o melhor ainda está por vir.”

Marcio Renato dos Santos

## ESTANTE PARANAENSE



**Fernando Koproski**

*Nunca seremos tão felizes como agora* (7Letras, 2009).

**José Castello**

*Ribamar* (Bertrand Brasil, 2010).

**Jussara Salazar**

*Carpideiras* (7Letras, 2011)

**Laurentino Gomes**

*1822* (Nova Fronteira, 2010).

**Luís Henrique Pellanda**

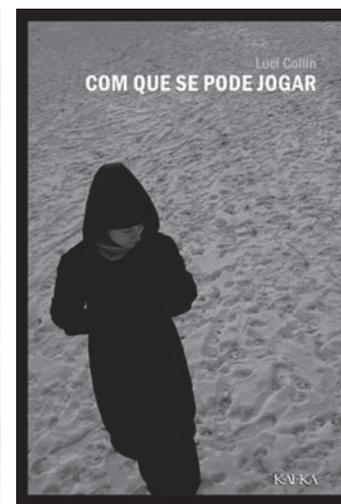
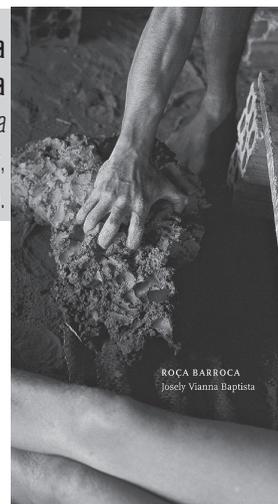
*Nós passaremos em branco* (Arquipélago, 2011).

**Luiz Felipe Leprevost** - *E se contorce igual a um dragãozinho ferido* (Arte e Letra, 2011).

**Mario Bortolotto** - *DJ – Canções para tocar no inferno* (Barcarolla, 2011).

**Josely Vianna Baptista**

*Roça barroca* (Cosac Naify, 2011).



**Luci Collin**

*Com que se pode jogar* (Kafka Edições, 2011).

1970 e 1980 foi responsável por uma explosão criativa com a qual seria difícil lidar depois. Além de cultuados, eles influenciaram muita gente, mas também abriram o caminho para nós. Hoje, mesmo sob sua influência, vejo o surgimento de uma geração com voz própria, que os toma como referência, não como modelos a serem repetidos”, observa Leprevost.

Prova disso são as revistas *Lama* e *Lodo*, no-víssimas publicações do gênero *pulp* que partem do universo *noir* de Valêncio Xavier e da estética brutalista de Dalton Trevisan para alcançar uma linguagem original e contemporânea. Agora, se você ainda não ouviu falar nelas, é bom sinal. Segundo Jamil Snege, basta um punhado de talento para se tornar invisível em Curitiba. E talento é o que não falta a esta turma. ■



## ESTANTE PARANAENSE

**Miguel Sanches Neto**

*Chá das cinco com o vampiro* (Objetiva, 2010)  
e *Então você quer ser escritor?* (Record, 2011).



**Paulo Sandrini**  
*O rei era assim*, (Kafka Edições, 2011).

**Susan Blum**

*Novelas nada exemplares*  
(Amplexo, 2010).

**Thiago Tizzot**

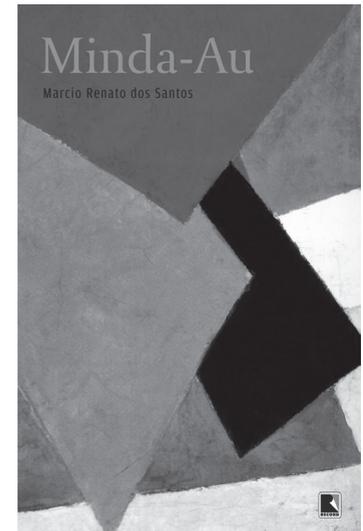
*Ira dos dragões e outros contos*  
(Arte e Letra, 2009)

**Toninho Vaz**

*Solar da Fossa* (Casa da Palavra, 2011).

**Wilson Bueno**

*Mano, a noite está velha*  
(Planeta, 2011).



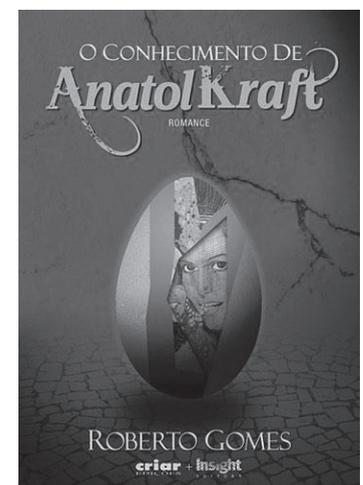
**Marcio Renato dos Santos**  
*Minda-Au* (Record, 2010).

**Paulo Venturelli**

*O anjo rouco*  
(Positivo, 2011, 2. ed).

**Rodrigo Madeira**

*pássaro ruim*  
(Medusa, 2010)



**Roberto Gomes**  
*O conhecimento de Anatol Kraft*  
(Criar Edições/Insight, 2011).

# Os experimentais

As obras de Manoel Carlos Karam, Jamil Snege, Wilson Bueno e Valêncio Xavier tinham pouca conexão entre si, mas estavam ligadas a um traço marcante da literatura curitibana: o gosto pela experimentação

GUILHERME SOBOTA

**D**alton Trevisan, o maior escritor paranaense, fez da linguagem o grande trunfo de sua literatura. Para contar as histórias pueris e corriqueiras que estão em suas coletâneas de contos, empreendeu uma linguagem sofisticada, tão idiossincrática que é o único a praticá-la na literatura contemporânea. Não se sabe se por influência do mestre do conto, mas a experimentação linguística caiu no gosto de muitos escritores curitibanos que vieram depois do Vampiro de Curitiba.

Wilson Bueno (1949-2010), Manoel Carlos Karam (1947-2007), Jamil Snege (1939-2003) e Valêncio Xavier (1933-2008) são os escritores mais conhecidos dessa via da literatura curitibana — sem esquecer, claro, de Paulo Leminski, que estreou na literatura com *Catatau*, um romance absolutamente anárquico.

Além do apreço pela experimentação, os quatro escritores compartilhavam outra particularidade: apesar de terem passado os anos 1980 escrevendo, foi na década de 1990 que suas carreiras ganharam notoriedade. Em 1992, Wil-

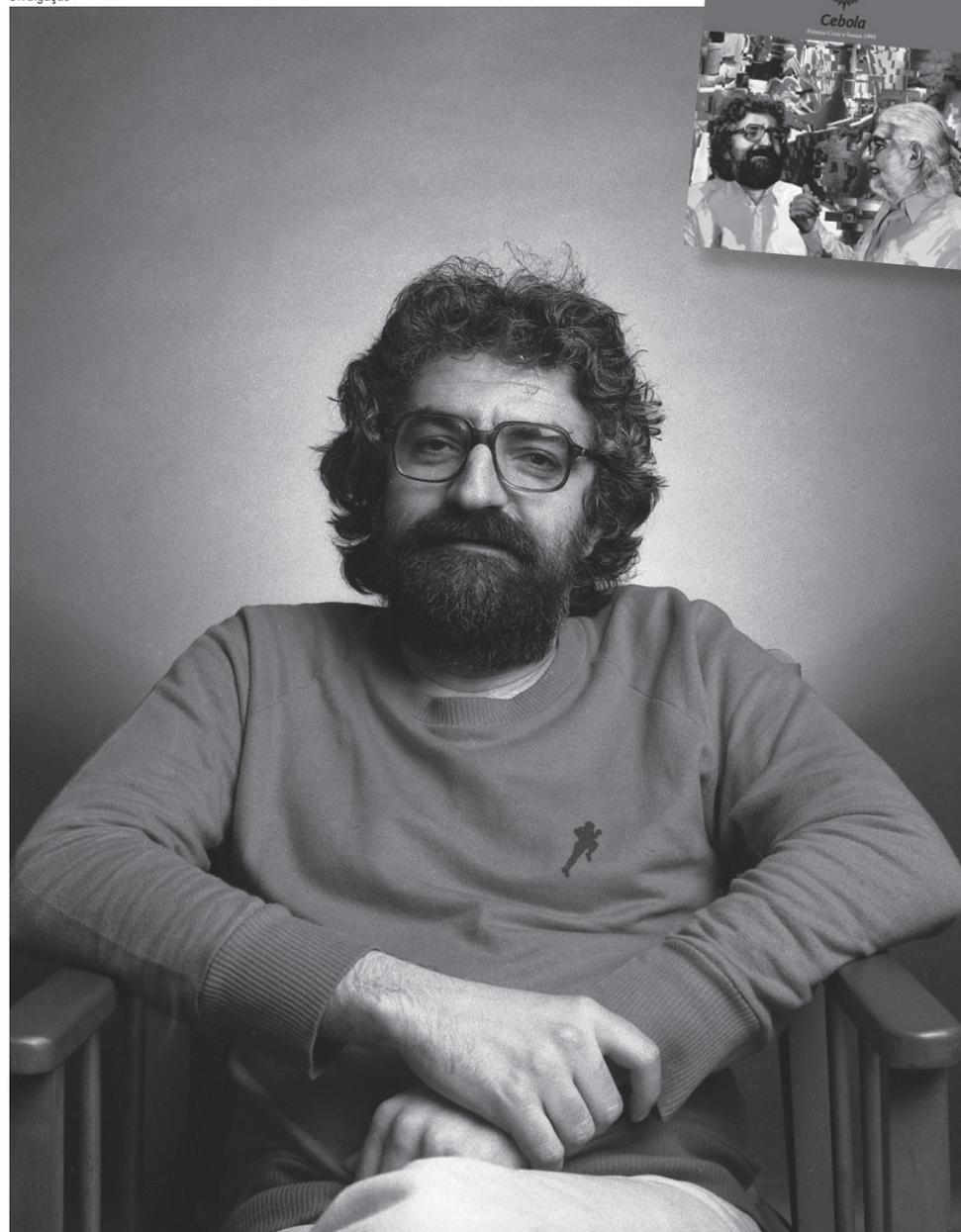
son Bueno publicou *Mar Paraguayo*, considerado seu grande livro e em que o escritor constrói um ousado dialeto a partir das línguas portuguesa, guarani e espanhola. Manoel Carlos Karam, já um autor reconhecidamente inventivo, publica *Cebola* (1997), romance vencedor do Prêmio Cruz e Sousa de Literatura. Em 1998 sai *Viver é prejudicial à saúde*, a novela de Jamil Snege, único curitibano do quarteto, aclamada por escritores como um dos grandes livros da literatura nacional da segunda metade do século XX. No mesmo ano, Valêncio Xavier, dessa vez amparado por uma grande editora, a Companhia das Letras, reedita *O Mez da Grippe*, considerado sua obra-prima.

“O Valêncio desejava o público. O Bueno, pelo que me contou numa entrevista, tinha muitas inseguranças. O Jamil, dizem, tinha medo da autofagia curitibana. O Karam parece que era bem resolvido: escrevia, lançava, seguia adiante”, diz o jornalista José Carlos Fernandes, que nos anos 1990 foi editor do Caderno G, suplemento cultural da *Gazeta do Povo*.

## Experimentalismo perigoso

Ao mesmo tempo em que a ousadia dos quatro escritores arrebatava a crítica, a opção por uma literatura menos convencional foi um empecilho para o sucesso comercial. Ainda jogava contra o cenário da literatura nacional nos anos 1990: feiras escassas, bate-papos esporádicos e um mercado editorial ainda acanhado. Por conta disso, como ainda é comum em nossa cena literária, todos se dedicavam a outras atividades profissionais para sobreviver: Karam era jornalista de TV; Bueno também deixou sua marca no jornalismo local ao

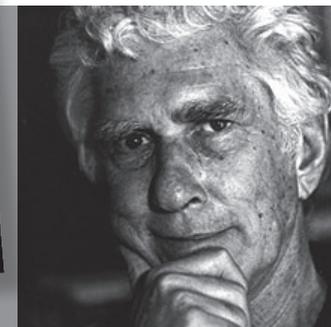
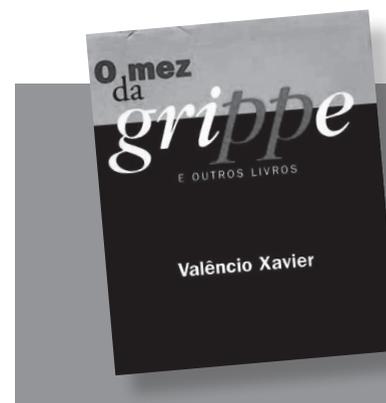
Divulgação



“ Quando o Valêncio estourou, a gente brincava que ele estava à deriva, num balão, e a gente pulando para pegar a cordinha e trazê-lo de volta à realidade.”

José Carlos Fernandes, jornalista.

editar o mítico *Nicolau* entre os anos 1980 e 1990; Snege passou a vida se dedicando a peças publicitárias; e Valêncio Xavier foi funcionário, por vários anos, da *Gazeta do Povo*, onde escrevia no caderno de cultura. Ainda assim, foram escritores prolíficos, que produziram bastante. Dos quatro, talvez Bueno tenha levado uma vida mais “literária”,



participando de feiras, escrevendo com a ajuda de programas de incentivo artístico (como a Bolsa Vitae de Literatura, do Ministério da Cultura, que ganhou em 2000) e sendo publicado em antologias fora do país. Já Snege certamente foi o mais radical. Manteve-se longe das grandes editoras e foi fiel ao modo quase artesanal com que editava seus livros. Em 2003 recusou a proposta de uma empresa paulistana para reeditar toda a sua obra.

“Quando o Valêncio estourou, a gente brincava que ele estava à deriva, num balão, e a gente pulando para pegar a cordinha e trazê-lo de volta à realidade. O Bueno, idem, se deslumbrou, ficava impossível, que nem criança. O Karam e o Jamil eram de fato como príncipes do Oriente: nunca saberemos o que de fato queriam. São espaços vazios — eis a delícia”, diz Fernandes.

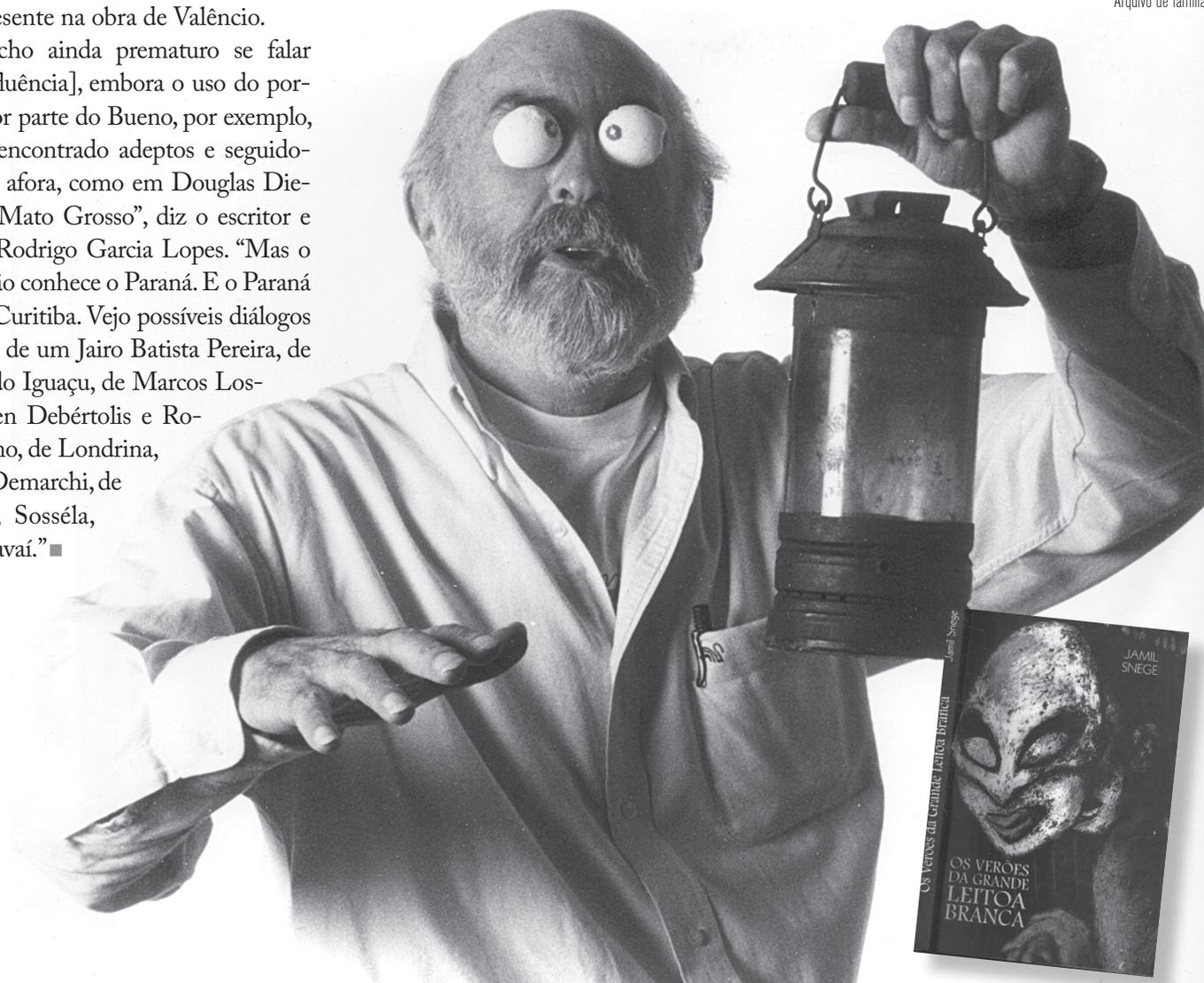
Diante de escritores tão singulares, na forma e na maneira de se relacionar com a vida literária, qual o legado que ficou? Há reflexo do “quarteto experimental” na atual geração de escritores curitibanos ou mesmo de outros Estados? A prosa poética de Luiz Felipe Leprevost certamente encontra algum diálogo com o texto anarquicamente calculado de Manoel Carlos Karam, de quem Leprevost é leitor fiel. Valêncio

Xavier encontrou admirados em escritores da cena paulistana, como Joca Reiners Terron, cujo livro de estreia, *Não há nada lá*, traz a fusão entre imagem e texto tão presente na obra de Valêncio.

“Acho ainda prematuro se falar nisso [influência], embora o uso do portunhol por parte do Bueno, por exemplo, já tenha encontrado adeptos e seguidores Brasil afora, como em Douglas Diegues, do Mato Grosso”, diz o escritor e tradutor Rodrigo Garcia Lopes. “Mas o Paraná não conhece o Paraná. E o Paraná não é só Curitiba. Vejo possíveis diálogos nas obras de um Jairo Batista Pereira, de Quedas do Iguaçu, de Marcos Losnak, Karen Debértolis e Rogério Ivano, de Londrina, Ademir Demarchi, de Maringá, Sosséla, de Paranavaí.” ■

“ O Paraná não conhece o Paraná. E o Paraná não é só Curitiba.”  
Rodrigo Garcia Lopes, escritor e jornalista.

Arquivo de família



# “Curitiba não é uma cidade para amadores”

Autor de elogiada peça que satiriza a cena teatral curitibana, o diretor e dramaturgo Marcos Damaceno fala sobre as idiossincrasias da cidade que é matéria-prima para seu trabalho

LUIZ REBINSKI JUNIOR

**M**arcos Damaceno criou a companhia teatral que leva seu nome em 2003. Em pouco tempo, transformou-se em um dos principais nomes da dramaturgia curitibana, ganhando fama e elogios para além das fronteiras de São José dos Pinhais, a cidade que separa Curitiba do eixo cultural do país. Mas, diferentemente de Luís Melo, o ator que Damaceno resolveu homenagear em uma de suas peças mais famosas — o monólogo *Árvores abatidas ou para Luís Melo* —, o dramaturgo e diretor permanece à sombra dos Pinheirais. Continua trabalhando em Curitiba, o que potencializa ainda mais seus feitos.

Aliás, a cidade não apenas dá guarida às criações do jovem diretor, mas também serve de inspiração para os trabalhos criados ao lado de Rosana Stavis, companheira dentro e fora dos palcos. “Particularmente, tenho em Curitiba e no curitibano, rica e inesgotável fonte de inspiração”,



Patrícia Stavis

diz o diretor paulista, que desde menino é curitibano.

Do começo dos anos 2000 até aqui, Damaceno e sua trupe produziram cinco espetáculos. Três deles de autoria de Damaceno — *Água revolta* (2003), *Sobre tempos fechados* (2007) e *Árvores Abatidas ou Para Luís Melo*, (2008) — e outros dois de importantes nomes do teatro contemporâneo mundial — *Psicose 4h48*, de Sarah Kane (2004) e *Sonho de outono*, de Jon Fosse (2005). O diretor e sua companhia acabam de estreiar novo espetáculo, *Para o Vampiro — Variações n.º 1*, mais uma vez escrito por Damaceno e com Curitiba como personagem.

Durante três anos, Damaceno comandou o Núcleo de Dramaturgia do SESI-PR, uma elogiada iniciativa que visa revelar novos nomes do teatro local. Com o devido conhecimento de causa, na entrevista que segue, Damaceno traça um painel sobre a cena teatral curitibana e elenca os prós e contras da cidade que há quase duas décadas é berço do principal festival de teatro do país.

**Você é autor de peças elogiadas, como *Sobre tempos fechados* e, a mais recente, *Árvores abatidas ou para Luís Melo*. Mas também tem feito sucesso dirigindo textos de outros autores, como Sarah Kane (*Psicose 4h48*). Há diferença entre dirigir o próprio texto em relação a trabalhos de outros autores?**

Sim. Mas cada caso é um caso. Ao dirigir encenação de texto de outro autor se tem, via de regra, maior distanciamento crítico. Pelo menos no meu caso, acontece isso. Com textos de outro autor em mãos me sinto, enquanto diretor, mais à vontade em experimentar durante o processo de montagem e ensaios com os atores e as outras pessoas da equipe de criação. E um texto de teatro, diferente do romance ou do conto, somente existe em sua plenitude no palco, na voz e no corpo dos atores perante o público. Mas o contrário também pode acontecer. O

resultado pode ser catastrófico quando um diretor não dá conta de se relacionar ou dialogar com a peça. O risco aumenta quando se trata de dramaturgias contemporâneas, que flertam com novas possibilidades e experimentações linguísticas. Quando o diretor não é o próprio dramaturgo, exige-se que ele, o diretor, consiga adentrar na mente do autor do texto. Pensar como ele pensa. Respirar como ele respira. Há muitas obras que seguem o ritmo respiratório de quem as escreveu.

**Para um realizador de teatro — diretor, dramaturgo, ator, etc. — o que de melhor e pior Curitiba oferece?**

Curitiba é uma ótima cidade para se viver, oferece boa qualidade de vida a custo razoável. O que estraga Curitiba são duas coisas: o clima e o curitibano. É uma brincadeira, mas não deixa de ter um fundo de verdade. Curitiba é como o castelo da bruxa: tem sempre uma nuvem fechando tudo. E o curitibano é terrível. As relações entre as pessoas são mais difíceis. Curitiba não é uma cidade para amadores, se não tomar cuidado, você acaba se autodestruindo. Curitibano adora falar mal de Curitiba, como em quase toda cidade, mas aqui isso é uma doença. Tanto que é a única cidade que conheço que tem uma rua que se chama “Boca Maldita”. Mas que ninguém de fora pense em falar mal da cidade. Particularmente, tenho em Curitiba e no curitibano, rica e inesgotável fonte de inspiração. Curitiba e o curitibano são matérias-primas riquíssimas.

**Árvores abatidas parte da obra de Thomas Bernhard. Quais são os outros autores de ficção (excetuando os dramaturgos) que foram importantes para sua formação como leitor? E quais deles tiveram influência em seu trabalho de dramaturgo?**

Thomas Bernhard é o autor que mais li e reli ao longo dos anos. Tanto que cheguei a acreditar que eu era o Thomas Bernhard, ou que havia entre nós alguma ligação

mística. Só assim se explicaria tamanha afinidade. Assim como já cheguei a acreditar, na adolescência, que eu tinha parentesco com Leminski, tamanha a familiaridade que sentia ao ler sua obra. Tudo o que Leminski escreveu era o que eu gostaria de escrever. Era tudo o que eu deveria ter escrito, caso o Leminski já não tivesse escrito. [J.D.] Salinger sempre esteve bastante presente. Dostoiévski também. Aliás, Dostoiévski é autor recorrente. Mas quem teve e tem maior influência, muito mais que qualquer autor ou teórico, continua sendo Curitiba e o curitibano.

**Suas peças têm feito bastante sucesso não só na cidade, mas também fora. É mais difícil, porém possível, ser notado mesmo fazendo teatro a partir de Curitiba?**

Rio de Janeiro e São Paulo ainda são os principais centros, não só culturais. O que acontece nessas cidades acaba sendo propagado em cadeia nacional, e isso inclui a produção teatral. Mas Curitiba vem conquistando cada vez mais atenção e reconhecimento. É cada vez maior a atenção voltada ao trabalho de alguns artistas da cidade, permitindo que Curitiba viva um grande momento, com representatividade e lugar de destaque, no cenário teatral brasileiro. Concordo com o que disse recentemente uma crítica de *O Estado de S.Paulo*, que “nos próximos anos, prometem soprar de Curitiba os ventos que movimentam o teatro brasileiro”.

**Você comandou durante três anos o Núcleo de Dramaturgia do SESI-PR. Há um movimento para a formação de novos dramaturgos na cidade ou apenas iniciativas isoladas?**

Durante as décadas de 1980 e 1990, o dramaturgo foi praticamente convidado a se retirar do teatro. Virou uma função quase obsoleta. Atualmente, o papel do dramaturgo passa por uma revalorização. Isso em todo o país. Em Curitiba, era comum ouvir dizer que não existiam novos dramaturgos brasileiros que prestassem. Em

contrarresposta, em 2007, começamos a nos organizar em iniciativas que, embora bastante tímidas, foram determinantes para o início deste movimento. Em 2007, começamos a realizar, na sala de ensaios da minha companhia, leituras dramáticas da Nova Dramaturgia Curitibana. O resultado foi melhor do que esperávamos. Dessa iniciativa, partiu o convite do SESI-PR para desenvolvimento de um projeto em dramaturgia, o que viria a ser o Núcleo. Hoje já podemos afirmar que o teatro paranaense e o teatro brasileiro estão muito mais ricos com a nova geração de dramaturgos que aí está. Em Curitiba, é perceptível o crescente número de jovens com interesse em escrever para o teatro. Algo que não existia há cinco anos. E também se percebe a maior atenção e realização de ações por parte de importantes instituições visando a formação de novos autores de teatro.

**Curitiba tem forte influência da imigração, que está bastante nítida na produção de áreas como fotografia e literatura. O teatro feito em Curitiba também leva esta marca de nossa história?**

Sim, mesmo que às vezes a gente não tenha consciência disso tão claramente. Eu só percebi melhor essa marca, e a potencialidade dessa particularidade, ao levar os espetáculos a plateias de outras regiões do país. Em 2010 participamos do “Festival Palco Giratório” [promovido pelo SESC local] com as peças *Árvores abatidas ou Para Luís Melo* e *Psicose 4b48*. Nos apresentamos praticamente em todos os Estados do país, com plateias bastante distintas. Após a apresentação sempre rolava um bate-papo com o público. Uma observação recorrente era sobre a estética de nossas encenações. Chamavam atenção a limpeza e economia estéticas, o rigor, a contenção, a precisão, a melancolia, a introspecção, a introversão e a contemplação. São elementos que têm direta influência do comportamento e temperamento do curitibano. São características

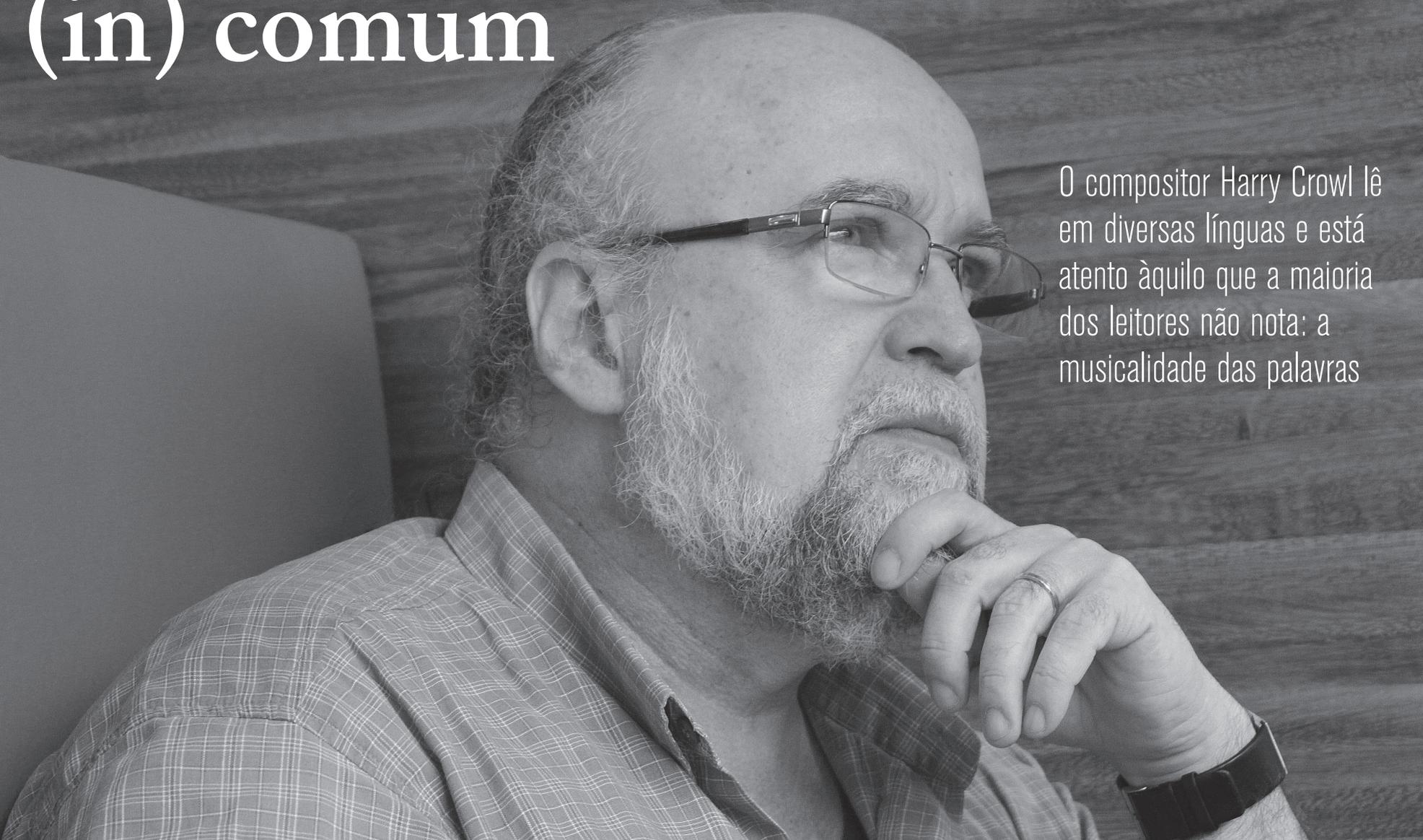
também presentes em trabalhos de outras companhias da cidade, ou na música de grupos como o Wandula, ou mesmo do compositor Marcelo Torrione. Pela música deles, sente-se o ar de Curitiba.

**Quais são os realizadores de teatro que souberam dialogar melhor com as contradições e idiosincrasias da cidade?**

Recentemente tivemos dois espetáculos de grande repercussão nacional: *Vida*, da Cia. Brasileira de Teatro, e *Árvores abatidas ou Para Luís Melo*. São espetáculos que não se restringem ao público curitibano, ao mesmo tempo em que, diretamente, dialogam com a cidade. Já sabemos que o curitibano é o inverso dos clichês da brasilidade, ou seja: é frio, melancólico, fechado, introvertido, quieto, soturno e tem fama de maldito. E não é só isso. É muito mais que isso. É esse “muito mais” que está hoje, neste momento, sendo descoberto, ou melhor, sendo criado. O curitibano é uma novidade. Há tempos já se canta, se fala, se estuda sobre o baiano, o mineiro, o carioca, o paulista, mas o curitibano ninguém ainda sabe direito o que é. O próprio curitibano está começando a se descobrir, ou em outro modo de pensar, ainda está sendo inventado. Para qualquer artista isso é um prato cheio. Quando digo artistas, refiro-me a seres inventivos e pensantes, dotados da capacidade da criação e que dialogam com a sensibilidade e o pensamento de sua época. Escritores como Dalton Trevisan, Paulo Leminski, Cristovão Tezza que, além de autores exemplares, são ótimos exemplos da importância do papel do artista na invenção do curitibano. É lendo esses caras que podemos alargar nossa compreensão sobre o que é essa raça de gente de “boca maldita”, essa raça de gente “desgraciada”. Mas não só maldita, nem desgraciada. Ainda há muito a se pintar, se teorizar, se dizer sobre o que é essa novidade, o curitibano. Só escrevi *Árvores abatidas ou Para Luís Melo* para tentar entender um pouco melhor o que é o curitibano. ■



# O leitor (in) comum



O compositor Harry Crowl lê em diversas línguas e está atento àquilo que a maioria dos leitores não nota: a musicalidade das palavras

DANIEL ZANELLA

Harry Crowl não é um leitor comum. Poliglota, lê fluentemente em inglês, espanhol, italiano e francês. Recentemente começou a se arriscar na língua alemã, que ainda não domina plenamente, o que não o impede de ler alguns autores contemporâneos do país europeu.

Uma das coisas que considera mais fascinantes no processo de descobrimento de um novo léxico através da literatura é a necessidade de imaginar o que está sendo dito, em um exercício abstrato de criação e reescrita da história. “É um processo bem intimista mesmo. Só leio traduções que, tenho certeza, nunca irei ler.”

Filho de norte-americano, Harry

Lamott Crowl Jr. é um homem grande, de barbas brancas e traços renascentistas. Compositor, musicólogo e professor, Harry nasceu em Belo Horizonte em 6 de outubro de 1958 — mesmo dia de nascimento do romancista norte-americano Joseph Finder. Mora em Curitiba desde 1994, onde é diretor artístico da Orquestra Filarmônica da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tam-

bém é professor de História da Música e Composição na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap) e comanda semanalmente programas de música erudita na rádio E-Paraná. Harry Crowl é um compositor com sólida carreira internacional. Seu catálogo de mais de cem obras já percorreu muitos países da Europa e América do Sul.

Sua relação com a literatura come-

çou cedo. Foi criado na casa de seu avô materno, José Santana, dono de uma vasta biblioteca. O avô lia muita literatura francesa e portuguesa, com apreço especial por Machado de Assis e Eça de Queiroz. A influência foi, portanto, natural. Ainda assim, com tantos bons romancistas à disposição, foi a poesia, principalmente de Carlos Drummond, que primeiro fisgou Harry. “Meu avô foi colega do Drummond em uma faculdade de Farmácia em Belo Horizonte. Ele, meu avô, terminou o curso e o Drummond, por motivos óbvios, não. Então meu avô olhava o poeta com certa desconfiança. Não engolia a poesia moderna. Achava o Drummond um picareta, simplesmente. Gostava mesmo era de Manuel Bandeira e Cecília Meirelles”, diz o compositor.

Ainda por influência do avô, Harry descobriu a obra mais importante de Euclides da Cunha, *Os sertões*. No entanto, o avô lhe advertia que o livro “era muito chato”. Ainda assim, deu a Harry uma edição com os seus comentários, dizendo que só deveria ler algumas passagens. Anos depois, já um leitor e viajante mais experiente, Harry resolveu ler o livro inteiro e teve outra percepção. “Vi a coisa pelo olhar do jornalista. Talvez hoje as descrições dele [Euclides da Cunha] não sejam tão necessárias, mas na época o acesso à informação era reduzido. Ele se sentiu na obrigação de esmiuçar, tecer a imagem em detalhes. Achei muito interessante, mas reconheço que é duro.”

### Leitor pé na estrada

Harry esteve recentemente em turnê pela Suécia, trabalhando como compositor-residente. Sob 30 graus negativos, teve contato com a obra de Stieg Larson, autor de *Os homens que não amavam as mulheres*. “Li em inglês toda a trilogia *Millenium*. Gostei”, afirma.

Dos 18 aos 21 anos, Harry morou nos Estados Unidos, onde teve contato com a literatura americana, principalmente com a obra de Ernest Hemingway



“Meu avô achava o Drummond um picareta, simplesmente. Gostava mesmo era de Manuel Bandeira e Cecília Meirelles.”

e William Faulkner. Gosta também de Gabriel García Márquez, Federico Garcia Lorca e Julio Cortázar. Entre os escritores brasileiros, já compôs a partir da poesia de Haroldo de Campos, Affonso Ávila, Thiago de Mello e de diversos autores simbolistas do Paraná do começo do século XX, como Emiliano Pernetá, Dario Vellozo, Tarso da Silveira e Silveira Neto. Desta série de estudos surgiu uma cantata encomendada pela Camerata Antiqua de Curitiba, em 2001, chamada *Turris Eburnea* (Torre de Marfim), título de uma coletânea de poemas de Dario Vellozo. Harry também se debruçou sobre a obra de Guimarães Rosa na ópera *Sarapalha*, baseada na adaptação teatral de Renata Pallottini para o conto de mesmo nome do escritor mineiro.

Se Voltaire afirmava que a leitura engrandece a alma, Harry Crowl acredita na transformação humana através da literatura. Para ele, o grande barato da literatura é remeter o leitor ao seu próprio imaginário, levando-o à produção de sua própria história. “Por isso, é frustrante ver uma adaptação cinematográfica de um livro muito bom, pois ele essencialmente não atingirá aquilo que você imaginou. Adaptação é o olhar do cineasta, é outro filme.”

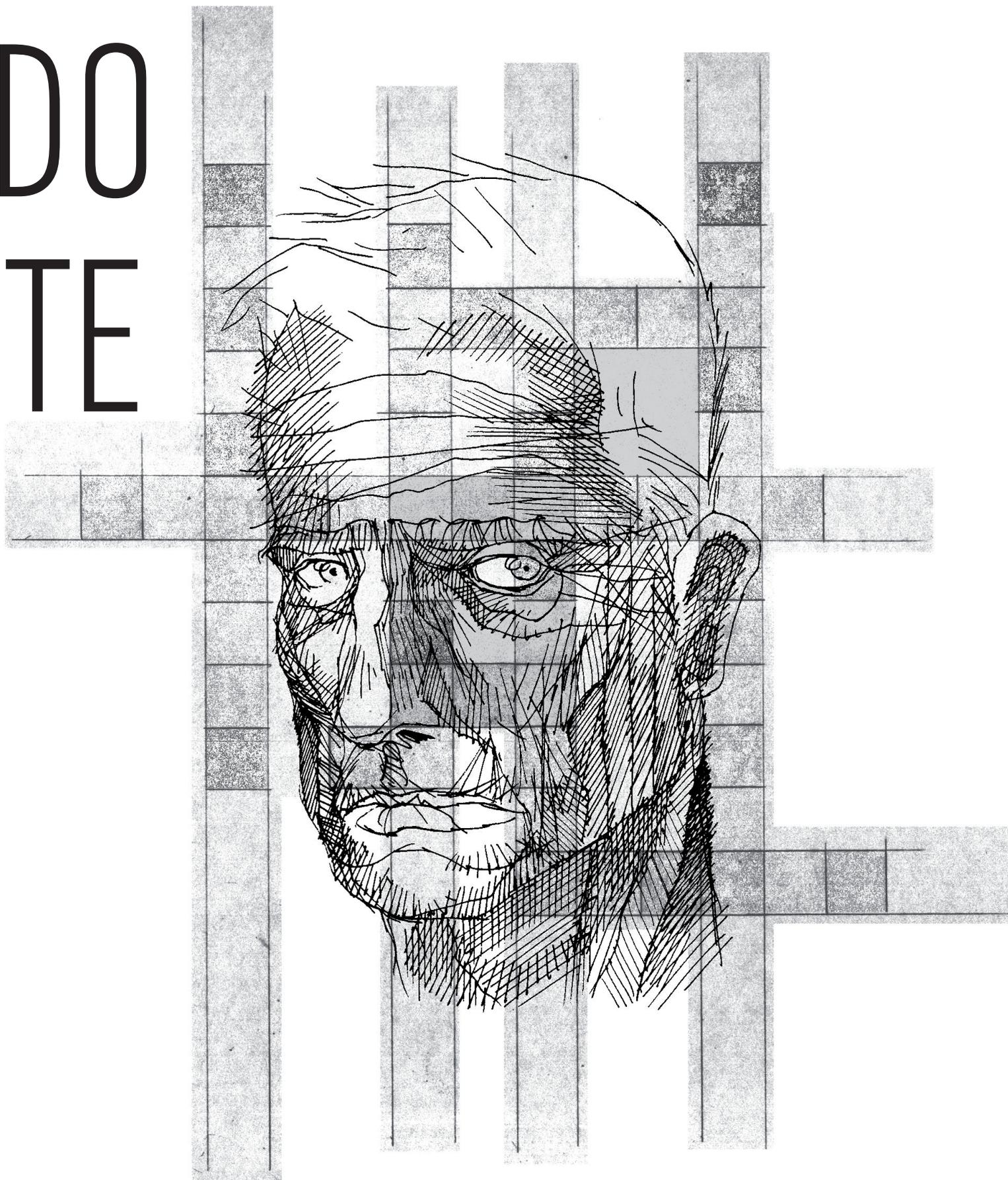
Em contato permanente com músicos, escritores e artistas plásticos, Harry Crowl lembra uma história marcante em sua trajetória. Certa vez, participando de um encontro de jesuítas em Minas Gerais na década de 1980, onde discorria sobre a música colonial brasileira do século XVIII, um senhor de forte sotaque português levantou a mão e perguntou sobre a influência lusitana na música popular brasileira. Harry respondeu, terminou sua fala e se dirigiu ao auditório para ouvir a próxima palestra. Então, o senhor português que havia lhe feito a pergunta minutos antes se encaminhou à mesa de debates. Era José Saramago, que falaria sobre seu romance *Jangada de pedra*. ■

# SÁBADO À NOITE

Thiago Tizzot

Esfregava as mãos e sentia a pele como se estivesse solta, folgada demais para seus ossos; parou de fazer isso. Não gostava de pensar que o tempo tinha passado mais rápido do que suas memórias. Uma mulher o encarava, não era jovem, mas bonita com seu cabelo cacheado e o lábio demarcado pelo batom vermelho. Instintivamente olhou para o seu dedo, a aliança não estava mais lá. Outra coisa que tinha perdido pelo caminho. A mulher insistia com o olhar e ele tentou descobrir por quê. Não sabia se por desconfiança ou se ela gostaria que ele retribuísse. Seja qual fosse a razão o desagradava. Apertou o botão que indicava que o ônibus deveria parar no próximo ponto.

A porta se abriu e desceu os dois degraus largos, o sol bateu em seu rosto, os olhos estranharam a claridade, não conseguia lembrar a última vez que sentira aquilo. Jamais tinha reparado naquela coisa tão simples, estranhar a claridade, não durava mais que um instante, tentou lembrar de todas as coisas que não reparara ao longo da vida. O vento batendo no rosto, o baru-



lho da cidade, caminhar olhando para o chão sem se preocupar com nada. Agora tudo era diferente. Depois de tantos anos, era como se fosse a primeira vez. Passou a sentir uma aflição, não gostava daquilo. Pensou que seria bom, que aproveitaria cada momento. Mas sentia falta do silêncio, da rotina, do verde claro da tinta gasta das paredes.

Passou em frente a uma lancheonete, logo na entrada estava um daqueles carrinhos coloridos de picolé. Lembrou-se de que há muito não sabia o que era tomar um sorvete. Deslizou a porta do carrinho, esticou a mão para pegar o picolé e sentiu o frio envolver seus dedos. Retirou a mão e colocou de novo. Era uma sensação estranha, na sua cabeça sabia que era uma coisa comum, ainda assim ficou maravilhado. Foi até o caixa, a moça atendeu com um sorriso, as unhas pintadas de um laranja gritante entregavam o troco. No balcão um sujeito bebia café preto, tinha um bigode farto e o fez lembrar daquelas fotos de pessoas que foram torturadas pela ditadura. Não soube por que pensou isso. O sujeito olhou bem para ele.

— Você não é aquele cara? Vi sua foto no jornal.

— Desculpe amigo, você deve estar me confundindo.

O sujeito deu de ombros e voltou as atenções para o café. Mas ele sabia que era o cara do jornal, sabia que um repórter tinha tirado sua foto quando estava saindo. Sabia que tinha recusado entrevistas e aparições em programas de TV. Não queria que vissem sua cara, nem mesmo seus amigos e família. Já tinha perdido todos eles e a ideia de perdê-los de novo, ou não recuperá-los, era assustadora demais. Preferia que as coisas permanecessem como estavam. Pelo menos a maioria estava feliz. Pagou pelo picolé e seguiu pela rua, ainda faltava um bom pedaço. Tinha saltado um pouco antes do que esperava, mas o olhar da mulher realmente o perturbava. Não ti-

nha dúvidas de que ela não pensara nada de mais, que não o estava julgando e condenando, mas velhos hábitos são difíceis de esquecer. Imaginou se algum dia poderia ver as pessoas como antes, se conseguiria aprender de novo a conviver fora.

Um carrinho de bebê passou a seu lado, uma menina, talvez a melhor forma de encarar aquilo fosse como uma criança vê a vida. Cada pequena coisa é uma novidade, é preciso até mesmo aprender a respirar. Era o que ele precisava fazer, teria que começar a vida de novo. Até ali, suas experiências, sensações e sentidos foram levados, apagados pelos anos que passou naquele lugar onde a vida para e o tempo, lá fora, anda mais rápido. Muito mais rápido.

O sinal abriu e os carros arrancaram com impaciência, ficou na calçada de pedras brancas e negras. Virou sua cabeça para o alto e observou os prédios, reparou em uma janela. Era grande, um quadrado imenso de vidro cercado por concreto sujo. Seu antigo trabalho. Seria mesmo? Não tinha certeza. Lembrou-se de que costumava ficar na janela, admirando as pessoas lá em baixo na rua vivendo suas vidas. Gostava de ser um observador. Essa lembrança tomou sua mente como as águas do mar tomam a areia na maré alta, lenta e continuamente até alcançarem a plenitude. Foi uma sensação reconfortante. Sua vida antiga.

Decidiu ir até o prédio, quem sabe estando na portaria outras coisas não surgiriam. Atravessou apressado a rua e subiu a escada de poucos degraus, olhou fixamente para o mármore branco no chão, nada. Abriu a porta, um grande painel de placas de plástico indicava as empresas que ficavam ali. Leu cada uma delas, foi inútil. Palavras que nada significavam para ele. Seguiu até o balcão da recepcionista, a moça loira era muito jovem para estar ali quando ele trabalhava, se é que este era o prédio certo. Desistiu.

De repente, o dia ficou mais escuro, no céu uma enorme nuvem negra começou sua manobra para bloquear o sol. Uma baita chuva se aproximava, decidiu apressar o passo, o café em que tinha combinado o encontro ainda estava a algumas quadras.

Seria a primeira vez que conversaria com alguém depois que saiu. Claro que já tinha trocado palavras com algumas pessoas, mas conversar mesmo ainda não. Pensou em ligar para o seu pai, contudo a última notícia que tinha tido era que o pai estava internado em um asilo, a cabeça ruim e o coração fraco. Não, seria melhor para seu pai, seria melhor para ele se as coisas continuassem assim. Lembrava-se da decepção nos olhos do velho quando se viram pela última vez. Já faz tempo. Além do mais o velho nunca iria compreender o que aconteceu, nem mesmo ele sabia direito o que tinha lhe acontecido. Só sabia que o tempo correria, por Deus, como correria.

Parou em uma esquina, não tinha certeza se a rua era aquela mesmo. Tudo estava tão diferente. Perguntou para um taxista se o endereço era ali mesmo, o sujeito confirmou com um aceno de cabeça, sem muita vontade. Mascava um palito de dente e nas mãos levava um daqueles jornais populares, com manchetes sobre assassinatos e fotos de mulheres de biquíni.

A galeria ficava no meio da quadra, paredes precisando de uma mão de tinta, lojas decadentes e piso sujo. Ainda assim muitas pessoas passavam por ali. Sentiu uma sensação estranha, talvez alguma memória, talvez frequentasse o local antes, mas não conseguia distinguir o que poderia ser. Seguiu com passos firmes.

O café era pequeno e fumacento, não mais que um corredor onde estavam cinco mesas enfileiradas. No fundo um balcão de madeira e alguns doces expostos. Tinha um aspecto de sujo, apesar de não o ser.

Na mesa próxima do balcão estava sentado um homem de cabelos acinzentados e olhar sereno. Tomava um café e a sua frente estava um prato com meio pedaço de torta de maçã. Aproximou sem muita certeza, ficou surpreso por aquilo se revelar uma tarefa extremamente difícil. Há muito sempre alguém lhe dizia o que deveria fazer, como e em quanto tempo. Não ter uma ordem, ter que decidir quais ações deveria tomar era algo que ele não estava mais acostumado. Aquele simpático senhor poderia não ser a pessoa que o estava esperando. Não tinha ninguém ali para lhe dizer o que fazer. Um súbito pânico o dominou e se não fosse o senhor acenar para que ele se sentasse, talvez tivesse saído correndo dali como um louco. Será que teria perdido a sanidade? Achava que isso era a única coisa que tinha conseguido manter.

— Quando recebi a carta não acreditei em sua história — disse o senhor logo depois que ele sentou.

— Desculpe — disse sem saber por quê.

O senhor o olhou por um instante.

— Rapaz, é você mesmo — finalmente falou, — vi sua foto no jornal. O país inteiro acompanhou sua história. Se eu contasse para o pessoal lá do jornal que estou conversando com você agora, ficariam todos eriçados.

— Por favor, não fale nada para ninguém sobre nosso encontro.

— Fique tranquilo — o senhor sorriu —, normalmente já não sou de muita conversa, antissocial, diriam alguns.

Os dois homens ficaram em silêncio. Quando o silêncio começava a incomodar a moça do balcão perguntou se ele gostaria de alguma coisa. Ele pediu um café.

— Desculpe perguntar, mas como conseguiu?

— O quê?

— Aguentar todo esse tempo. Imaginei-me em sua situação e não sei

## CONTO

como faria — o senhor garfou mais um pedaço da torta — sabendo que era inocente. 28 anos.

A moça trouxe o café e o encarou por um segundo, ele desviou o olhar e agradeceu.

— O começo foi o pior, sentia muita raiva, não queria acreditar, tentava de todas as formas lutar contra aquilo. Mas o tempo se encarregou de me conformar e descobri que o único jeito de sobreviver era encontrando um objetivo. Alguma coisa que afastasse a ideia de tirar minha própria vida — ele bebeu um gole de café —, foi aí que suas palavras cruzadas surgiram.

Não foi preciso pedir por uma

explicação, a expressão em seu rosto era mais do que suficiente.

— Exatamente — pela primeira vez ele sorriu —, a penitenciária recebe a assinatura do jornal e um dia, quando eu limpava o chão da biblioteca, o jornal estava aberto em cima da mesa. A cruzada estava ali, mentalmente fiz a um na horizontal, depois fiz a quatro na vertical, quando percebi estava sentado, com o lápis na mão e terminando. Claro que não consegui fechar todas as palavras — o autor agradeceu o elogio —, e o senhor não imagina como é difícil descobrir a palavra certa sem nenhum tipo de ajuda. Mas era do que eu precisava, passava todo meu tempo livre pro-

curando pelas palavras, os jornais não paravam de chegar, eu sempre tinha um novo desafio. É por isso que ainda estou aqui, graças às suas cruzadas pude ver o dia em que o verdadeiro assassino foi preso e ganhei minha liberdade.

— Eu... eu não sei o que dizer — o senhor estava realmente atordoado com a história, jamais pensou que suas cruzadas pudessem fazer tanta diferença em uma vida.

— O senhor não precisa dizer nada, sou eu que tenho que lhe dizer. Obrigado.

Ele estendeu a mão por sobre a mesa, trocaram um breve aperto, ele terminou seu café e foi embora. ■

 **Thiago Tizzot** é autor dos livros *O segredo da guerra* e *Ira dos dragões e outros contos*. É também editor da revista de literatura *Arte e Letra: Estórias*. Vive em Curitiba (PR).

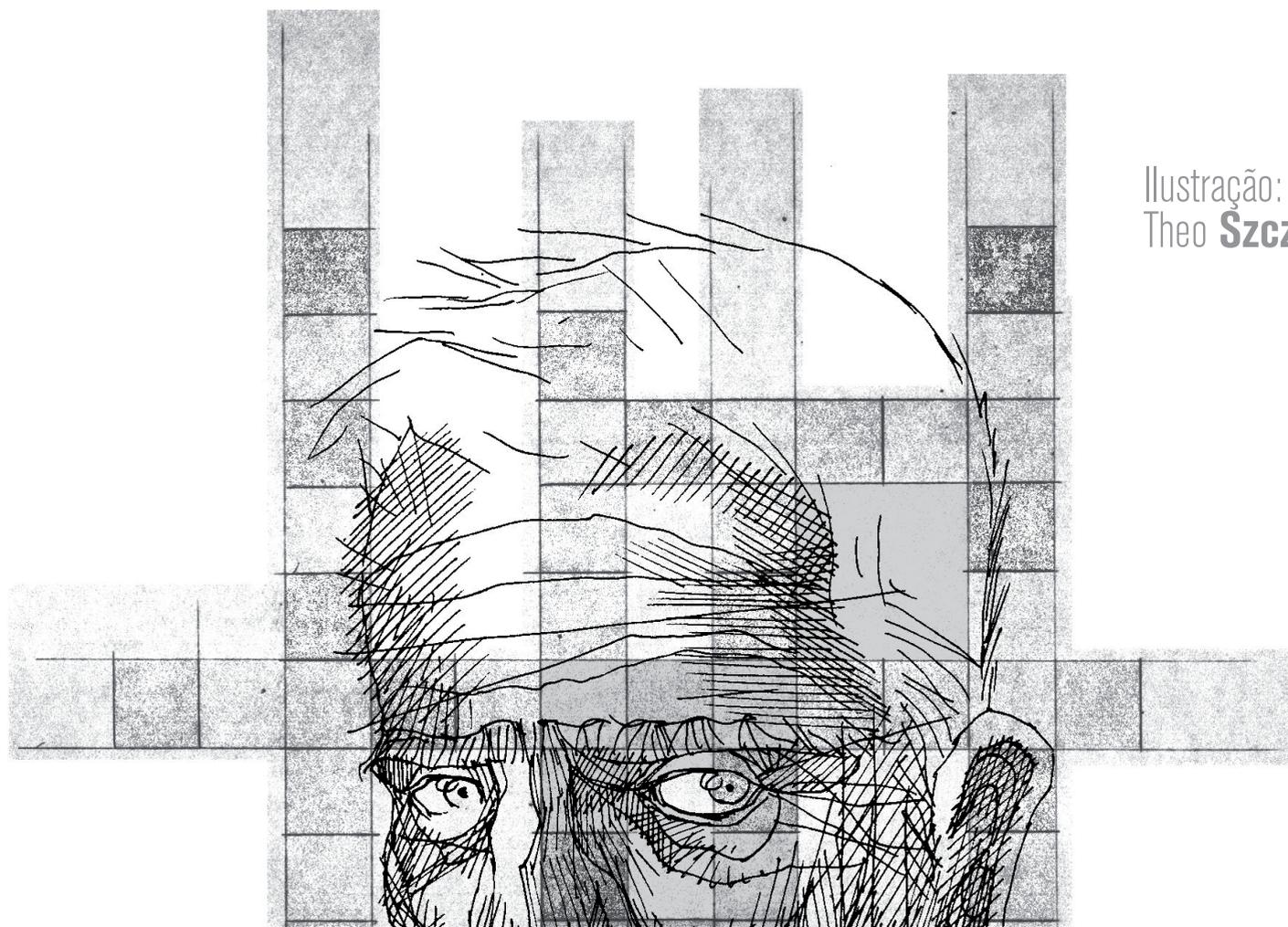


Ilustração:  
Theo **Szczepanski**

## RETRATO DE UM ARTISTA

### CLARICE LISPECTOR

Por Guile Dias

Haia Pinkhasovna Lispector, mais conhecida como Clarice Lispector, nasceu em 10 de dezembro de 1920, em Tchetchelnik, Ucrânia. Romancista, cronista e contista, estreou aos 24 anos com *Perto do coração selvagem*. Sua obra, marcada por contornos existenciais e à beira das fronteiras da linguagem, alçou-a à condição de uma das maiores escritoras brasileiras de todos os tempos, principalmente por títulos como *A paixão segundo G.H.*, de 1964, e *A hora da estrela*, de 1977. Morreu em 9 de dezembro de 1977.

 Guile Dias é quadrinhista, ilustrador e artista plástico. Vive em Curitiba (PR).





## UM CASO MITOPOIÓTICO

Foi naquele restaurante no fim do universo.  
Vira e mexe, topam na mesma mesa duas musas:

Calíope, jamais passada, ali estava a escrever, só;  
Talia chega, gargalhando com duas poetisas lusas.

Uma delas muito assemelhava-se a Florbela Espanca,  
e mais espantava por sua métrica: alegre e manca!

Mas se a outra não chegava a uma Sophia Andersen,  
aos seus versos fortes suplicar-se-ia: abrandem-se...

As duas musas gregas se encantaram com elas,  
pois as poetisas lusas eram mesmo muito belas,

porém esta nem notou Talia, e aquela mal viu Calíope,  
pois a primeira era hipermetrópe, e a segunda, míope.

 **Ivan Justen Santana** é músico, poeta  
e tradutor. Vive em Curitiba (PR).

